

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Uma reflexão sobre a nova geração da poesia brasileira



EDITORIAL

Uma nova geração de poetas começa a ganhar espaço na cena literária brasileira. São escritores e escritoras que surgiram na virada dos anos 2000 e tentam construir sua história depois de um século de grandes feitos poéticos, com Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, João Cabral e Cecília Meireles. “Quem ainda pode sonhar com esse time impecável?”, pergunta o escritor e crítico José Castello logo no início do ensaio que é desta edição do **Cândido**.

“A poesia do século XXI brasileiro se fragmenta como um objeto depois de uma grande explosão. Há rastros por todos os lados, pegadas sujas, multiplicidade de sentidos, e não adianta tentar costurá-los porque eles não se encaixam, nem se interessam pela exatidão.”

Castello contextualiza a chegada da nova geração com escritores que pegaram o bastão do esquadrão modernista. Poetas como Chacal, Paulo



DIVULGAÇÃO

Henriques Britto e Alberto Martins, que “fazem a ponte entre os dois séculos”. E então o crítico chega ao agora, analisando a produção de Angélica Freitas, Fabricio Corsaleti, Fabiano Calixto, Annita Costa Malufe, Marília Garcia (foto) e Ana Martins Marques, o principal nome dessa geração, segundo Castello.

A literatura brasileira contemporânea segue pautando a primeira edição de 2019 do **Cândido**. O romancista Michel Laub reflete sobre as oficinas de criação literária na coluna Pensata. A partir de sua experiência

peçoal, levanta questões que considera importantes para alunos e professores em cursos de escrita criativa.

Já João Silvério Trevisan faz uma retrospectiva de sua obra. O veterano autor, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira hoje, fechou a temporada 2018 do projeto Um Escritor na Biblioteca e comentou detalhes de seus principais livros, como o romance *Ana em Veneza* e o ensaio *Devassos no paraísos*.

A edição também destaca os três vencedores da edição 2018 do Prêmio Paraná de Literatura: Daniel

Arelli (Poesia, com *Lição da matéria*), Raimundo Neto (Contos, com *Todo esse amor que inventamos para nós*) e Lourenço Cazarré (Romance, com *Kzar Alexander, o louco de Pelotas*). Eles falam sobre suas obras e têm fragmentos de seus livros publicados.

O **Cândido** ainda traz uma seleção de textos de 5 poetas húngaros ainda inéditos em português. Além de poemas de Ana Martins Marques e Luís Pimentel. A ilustração da capa é do artista Visca.

Boa Leitura.

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**

Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski.**

Redação: **Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.**

Estagiários: **Daniel Tozzi.**

Projeto gráfico e design: **Thapcom.com**

Colaboradores desta edição:

Ana Martins Marques, Dezs Katalin, Daniel Arelli, Dorottya Bánkó, Daniel Levente Pál, Higor Oratz, János Dénes Orbán, João Silvério Trevisan, José Castello, Julia Dantas, Kraw Penas, Lourenço Cazarré, Luis Pimentel, Michel Laub, Raimundo Neto, Timur Bék, Visca.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br
— (41) 3221-4974

Cândido pela internet:

📧 candido.bpp.pr.gov.br

📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

📧 bpp.pr.gov.br

📱 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr)

📱 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr)

📱 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR

Horário de funcionamento

Segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h.

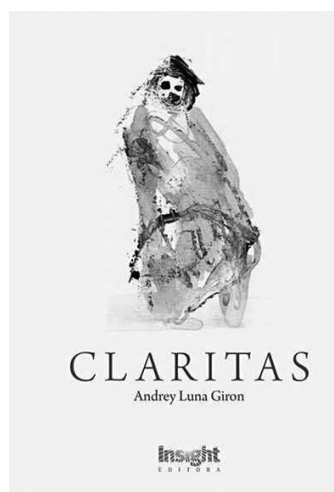
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

CLARITAS

Andrey Luna Giron, Insight, 2017

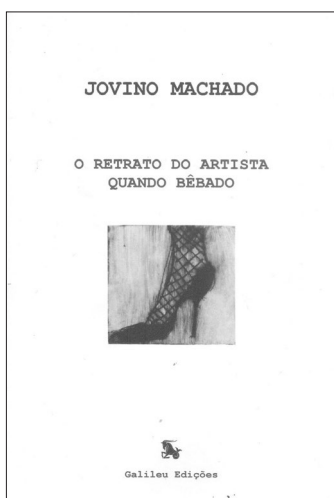
O poeta brasileiro do século XXI não precisa, obrigatoriamente, pagar tributo aos antecessores mais conhecidos. O curitibano Andrey Luna Giron é uma exceção em meio à avalanche de autores que se sentem em dívida com os legados de Drummond, João Cabral, Bandeira, Quintana e Leminski. Ele ousa buscar a própria voz, lírica, porém filosófica. De acordo com o escritor Guido Viaro, que assina a apresentação da obra mais recente de Giron, “*Claritas*, claridade em latim, ilumina a dúvida, criando novas sombras carregadas de outras perguntas. Os poemas se expandam e se contraem como um grande pulmão que vaza os ares que não consegue respirar”. É ler para conhecer.



O RETRATO DO ARTISTA QUANDO BÊBADO

Jovino Machado, Galileu Edições, 2018

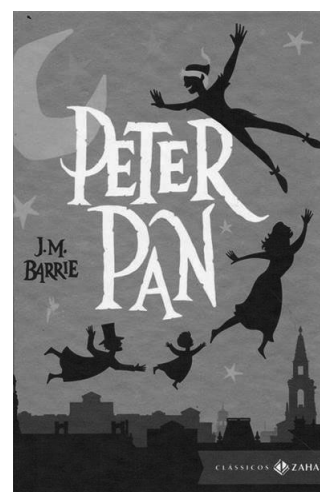
Primeiro livro da Trilogia do Álcool, *O retrato do artista quando bêbado*, de Jovino Machado, é dividido em duas partes: a primeira, “Strip-tease”, traz poemas inspirados pela beleza e charme da mulher. No segundo bloco, o “muso” é James Joyce, autor cuja influência fica evidente logo no título da obra. Nos 12 poemas do livro, a excitação e irreverência inerentes aos melhores pileques aparecem em vários poemas, como em “Narciso”: “debaixo da saia vermelha/se esconde seu chute burro/seu charme é antessala do vômito/ não existe inocência em seu ego/ você é uma cinderela de príncipes gripados/ narciso não anda em bando/ narciso prefere fechar a cara/ narciso prefere beber sozinho/ é que narciso acha feio/ o que nunca vai ser poesia”.



PETER PAN

J. M. Barrie, Zahar, 2014
Tradução: Julia Romeu

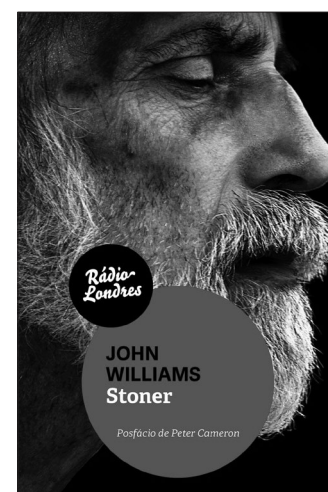
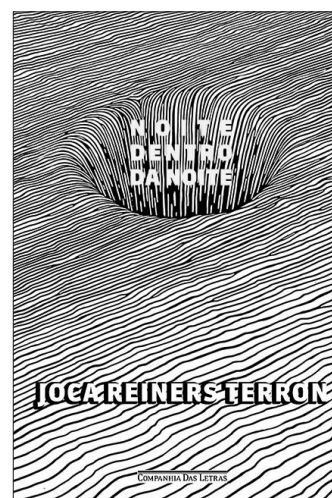
Este é um caso de obra, como outros clássicos, que alguns conhecem muitas vezes por meio de adaptações audiovisuais. E, por mais que o tempo passe, os clássicos se revelam atuais. O livro de J. M. Barrie (1860-1937), publicado em 1911, apresenta os dilemas de Peter Pan, que, mais do que tudo, recusa-se a crescer. E tal questão diz respeito, por exemplo, aos *millennials*, ou Geração Y, categoria que inclui pessoas nascidas entre 1980 e 2000 e que, de modo geral, adiam cada vez mais o ingresso no mundo adulto. Vale conferir o texto de Peter Pan para, além de apreciar uma narrativa extraordinária, constatar que, neste caso, qualquer adaptação, para cinema ou teatro, sempre fica aquém da proposta original.



NOITE DENTRO DA NOITE

Joca Reiners Terron, Companhia das Letras, 2018

Uma narrativa imbricada e cheia de ramificações. Assim é a história do protagonista de *Noite dentro da noite*, romance de Joca Reiners Terron. A partir de um acidente no colégio, um garoto bate a cabeça e entra em coma. Ele desperta, mas permanece com graves sequelas: não fala e sua memória se esfarela com o tempo. Essa é a deixa para o narrador contar a labiríntica história do garoto, cuja trajetória, envolta em mistério, é tão turva quanto rica em detalhes. Terron se utiliza da confusão mental do protagonista para criar um clima ao mesmo tempo onírico e hiper-real, que mistura imaginação a fatos históricos. Um romance ousado, que embala em uma mesma narrativa assuntos e gêneros distintos.



STONER

John Williams, Rádio Londres, 2015
Tradução: Marcos Maffei

John Williams (1922-1994) era praticamente desconhecido do público brasileiro até a publicação de *Stoner*, pela editora Rádio Londres. E autor e livro arrebataram muitos leitores. O romance chama a atenção pela linguagem límpida, quase translúcida, e pela persona que Williams construiu para seu personagem, o professor acadêmico William Stoner. Vindo de uma família pobre, Stoner chega a um posto alto na hierarquia da universidade em que trabalha, mas enfrenta uma série de problemas pessoais e profissionais, que vão aos poucos destruindo sua vida. Porém, encara todas as agruras com um estoicismo emocionante.

PENSATA

A coluna *Pensata* abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, o escritor Michel Laub, a partir de sua experiência ministrando oficinas literárias, lista algumas questões que considera importantes para alunos e professores em cursos de escrita criativa

PARA (TENTAR) SER UM BOM PROFESSOR DE OFICINA

MICHEL LAUB

— **A**ntes de qualquer coisa, agradeça que alguém ainda se interesse por literatura. Mais ainda, que se disponha a gastar um dinheiro suado e sair de casa durante semanas ou meses para ouvir o que você diz. Portanto, seja correto com os alunos. A melhor maneira é não ceder à demagogia que só serve para lustrar a sua própria imagem.

— Também é um erro oferecer o que o mundo lá fora já dá em excesso. Se poucos leem ficção hoje, menos ainda são os que não a subordinam ao utilitarismo/autoritarismo de discursos como os da religião, da política, da publicidade, da autoajuda. A tarefa de um crítico, por exemplo, pode ser identificar o que um texto literário representa em termos históricos. Ou o

quanto há de ideologia na construção do gosto, no uso de determinadas técnicas. Para um iniciante será proveitoso deixar esse tipo de reflexão para depois: ao menos durante as aulas, o ideal é aceitar que possam existir erros e acertos objetivos nas escolhas de tom, de ponto de vista, de tempo/espaço narrativos e assim por diante.

— Todo objetivismo em literatura é falso, claro, mas uma oficina trabalha com convenções. A tarefa de um professor é administrá-las, incluindo aí uma autoridade nem sempre ligada a méritos artísticos reconhecidos. Quando estou diante de alunos, sei que nem todos leram meus livros, e alguns dos que leram não gostam deles, e mesmo os que gostam não concordam com muita coisa do que digo. Se não aceitarmos



Michel Laub ministra oficina de romance para o leitores da Biblioteca Pública do Paraná, em 2011.

FOTOS: KRAW PENAS



que alguém ali precisa ter a palavra final, contudo, a tendência é que as aulas se percam em redundâncias e brigas de beleza.

— Quando o professor é bom, esse poder de administrar conteúdo e tempo — determinar que temas

serão tratados, que argumentos são relevantes nas discussões, o quanto elas devem durar — está ligado a um programa também objetivo, exposto com clareza desde o primeiro encontro, e não à mera adjetivação das falas e condutas.

— Diferentemente do que se diz sobre cursos de escrita criativa, lidar com egos e questões emocionais é parte importante e até bem-vinda do jogo. Um embate entre alunos nunca é apenas um colóquio entre sujeitos elevados em sua ética da neutralidade: ali está a chance de treinar o que pode ser tão importante numa carreira artística quanto o talento e a força de vontade. A maneira como lidamos com frustrações, por exemplo. Ou com a ansiedade. Ou com a inveja (própria e alheia).

— Um bom começo nessa área é tratar os textos de aula como os exercícios que de fato eles são. As qualidades e defeitos genéricos dessa escrita de encomenda, feita às pressas para cumprir os prazos de entrega, são menos importantes que o modo como algumas passagens — descrições, diálogos, etc. — ajudam a entender as questões formais propostas no programa. Eliminando as expectativas imediatas sobre glória e fracasso, resta uma análise mais distanciada, mais precisa, que certamente será aplicada na busca futura pela voz literária de cada um.

— Ou seja, uma boa oficina talvez aprimore mais a leitura do que a escrita. Nenhuma contradição: escrever não deixa de ser, em algum ponto fundamental do processo, uma edição do material bruto que está dentro de nós. Passado o impulso às vezes intuitivo que nos levou a produzir uma frase, um parágrafo ou um romance inteiro, é preciso decidir o que deve ser cortado ou acrescentado para que estejamos mais próximos do queremos (ou achamos que queremos) expressar.

— Há ótimos professores de escrita criativa no Brasil, de pioneiros como Luiz Antonio de Assis Brasil, Raimundo Carreiro e João Silvério Trevisan a nomes mais recentes como Noemi Jaffe, Nelson de Olivei-

ra e Marcelino Freire. Cada um terá ideias diversas das minhas sobre o assunto, pois o método didático decorre do gosto e da experiência individuais. Com uma coisa, porém, eu imagino que todos concordemos: uma oficina não fornece talento a ninguém. No máximo ela ajuda a dar forma ao que surge de modo misterioso em outro tempo e lugar.

— Isso não significa que os alunos tragam na testa o carimbo definitivo de talentosos ou não talentosos. Tal constatação pode vir apenas com os anos, porque cada um ali está num diferente momento de aprendizado e vivência. No curto prazo com que o professor trabalha, já é suficiente usar a longa tradição das técnicas e escolas literárias para ajudar em pequenas melhorias de texto — nem que seja no nível mais imediato da adequação de linguagem, da eficiência narrativa.

— Se o professor estiver igualmente aberto para aprender — dialogar com sensibilidades que não conhece, olhar de novo para questões estéticas que tinha como resolvidas —, a oficina acaba sendo uma via de mão dupla. A riqueza desse convívio, naturalmente mais complexo que o aproveitamento de alguns macetes e conselhos, pode fazer todos saírem do curso melhores do que entraram. ■

MICHEL LAUB nasceu em Porto Alegre, em 1973. Escritor e jornalista, publicou seis romances, sendo *O tribunal da quinta-feira* (2016) o mais recente deles. Recebeu os prêmios JQ-Wingate (Inglaterra), Transfuge (França) e Jabuti (segundo lugar), entre outros. Vive atualmente em São Paulo.

 UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Veterano da literatura brasileira, João Silvério Trevisan, aos 74 anos, continua produzindo como um estreante. Seu mais recente romance, *Pai, pai* – um acerto de contas familiar – terá duas outras partes, que já estão bem encaminhadas. Além da trilogia, Trevisan também tem outro romance pronto. E muitas e muitas pastas com roteiros de filmes, contos, ensaios e outros escritos. “Sou um coelho, do ponto de vista de produção literária”, diz o autor do romance *Rei do cheiro*, vencedor do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2009.

DA REDAÇÃO

Trevisan participou da edição de novembro do projeto Um Escritor na Biblioteca e durante o encontro, conduzido pelo dramaturgo e músico Flávio Stein, fez uma retrospectiva de sua produção literária, comentando detalhes da feitura dos seus títulos mais emblemáticos, entre eles o monumental *Ana em Veneza*, produzido ao longo de quatro anos. “Escrevi o romance acuado por uma questão que sempre me atormentou muito: o que é o Brasil? O que é ser brasileiro?”

Ativista dos Direitos Humanos, Trevisan fundou em 1978 o Somos, primeiro grupo de liberação homossexual do Brasil, e, ainda na década de 1970, foi um dos editores fundadores do mensário *Lampião da Esquina*, o primeiro jornal voltado para a comunidade homossexual brasileira. Viveu em Berkley, na Cidade do México e em Munique.

Seu ensaio *Devassos no paraíso* é um marco no estudo da homoafetividade no Brasil, que dialoga com diversos campos de conhecimento e expressões de nossa cultura — o cinema, o teatro, a política, a história, a medicina, a psicologia, o direito, a literatura e as artes plásticas. “Estou comovido com a repercussão que o livro está tendo nas novas gerações”, diz o autor sobre a mais recente edição de *Devassos*, publicada este ano.

O prosador também comentou o trabalho em suas oficinas de criação literária, que desde 1987 ajudou a formar mais de uma geração de novos escritores. Sobre o momento político atual vivido pelo país, se diz perplexo, mas também revigorado pela força da criação. “Nós estamos aqui, prontos para o que der e vier, porque nós criamos. Tem gente que gosta de destruir. Mas nós vamos criar. Vão destruir? Nós vamos continuar criando.”

BRASIL

Sempre considere esse país um enigma a ser decifrado. E estou cada vez mais convencido de que é impossível decifrar o Brasil. Então isso, essa eleição que aconteceu este ano, para mim, foi mais um capítulo no enigma brasileiro. Como é que nós chegamos a esse ponto? Minha perplexidade é um pouco a perplexidade do poeta espanhol Antonio Machado, que em um de seus versos mais conhecidos disse: “Caminante, no hay camino. Se hace camino ao andar”. Esse é o Brasil. Um país sem projeto, porque o projeto dele é andar. Então acho que fico com a perplexidade do poeta. E é uma perplexidade muito imensa. Mas é criativa. Nós estamos aqui, prontos para o que der e vier, porque nós criamos. Tem gente que gosta de destruir. Mas nós vamos criar. Vão destruir? Mas nós vamos continuar criando. Essa é a ideia que está na última parte da nova edição dos *Devassos no paraíso*: a resistência dos vagalumes. Com base num artigo de Pasolini e num livro do filósofo francês George Didi-Huberman, que menciona a necessidade da escuridão para que os vagalumes brilhem. Então eu terminei o livro dizendo o óbvio: quanto maior a escuridão, mais nós brilharemos. Preparem-se para o nosso brilho.

RAÍZES

Nasci numa cidadezinha chamada Ribeirão Bonito, não é Preto, é Bonito. Ribeirão Preto é uma cidade enorme, mais para o Norte, e a minha cidadezinha fica no centro do Estado, entre São Carlos e Araraquara. Tem 10 mil habitantes. Houve um período de migrantes nordestinos, por conta da cana, e ela tem uma coisa curiosa: no tempo em que eu morava lá, tinha uma livraria e hoje não tem mais. Estou tentando doar a minha biblioteca, que é uma senhora biblioteca, de 6 mil exemplares, para o município, mas está complicadíssimo.

TIMIDEZ

Minha mãe fez uma pequena biblioteca para mim. E comprava a prazo os livros que tinha na livraria da cidade. Então eu tinha uma pilhazinha de livros para ler durante as férias. Porque eu era muito tímido e tinha vergonha de me encontrar com as outras pessoas, porque eu estava no seminário tinha medo de ser... enfim, de me chatearem, aborrecerem, eu sofria *bullying* de várias ordens por ser esse menino arredo.

ANA EM VENEZA

Ana em Veneza foi uma grande empreitada na minha vida, que durou quatro anos. Recebi uma bolsa para

um ano, e espichei para quatro. Escrevi o romance acuado por uma questão que sempre me atormentou muito: o que é o Brasil? O que é ser brasileiro? Lembro que quando o livro foi lançado na Alemanha, em 1998, estive lá e fiz uma turnê pelo país com minha tradutora. Dei uma entrevista ainda no Brasil para um canal de televisão, e quando cheguei na Alemanha, a editora tinha articulado para que essa entrevista fosse ao ar na TV de lá. Aí fizeram um cartaz de *Ana em Veneza* com a seguinte frase: “O brasileiro traz o exílio no coração”, que era tirada de um trecho da minha entrevista. E esse é o tema de *Ana em Veneza*.

EXÍLIO

Ana, que é negra, vai no século XIX, em 1858, para a Alemanha junto com uma menina chamada Júlia da Silva Bruhns Mann, de quem ela era a “mucama”, ou seja, escrava da Júlia. A mãe da Julia havia morrido e o pai, que era alemão, decidiu levar os filhos para serem alfabetizados na Alemanha. Ele tinha parentes lá, então se sentia mais seguro. Era um fazendeiro alemão na região de Paraty, onde a Júlia nasceu. Na minha ficção, Ana permanece 30 anos na Europa, trabalhando em circo. O que uma negra estaria fazendo lá, se não se apresentando como essa figura exótica que ela significava? Esse é o primeiro exílio, de alguém que saiu da África, foi para o Brasil, nunca se alfabetizou, falava um português muito ruim, foi para Europa e também nunca se alfabetizou em alemão. Falava alemão para se comunicar, mas não tinha articulação do ponto de vista da língua propriamente. Mas toda a questão da Ana, desse exílio, foi um grande desafio para mim: como é que eu iria construir um personagem de uma analfabeta que se tornou uma sábia? Como era essa

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

sabedoria? E era uma sabedoria toda-nha resultante da vivência do exílio.

DEVASSOS NO PARAÍSO

Escrevi *Devassos no paraíso* para saber onde estava. Morei três anos fora, no período da ditadura, um ano e meio nos EUA, em Berkley, na Califórnia, que era um caldeirão revolucionário contracultural no período. E trouxe como experiência de volta para o Brasil, de exilado, todo esse contato, que foi importantíssimo, com as coisas que estavam acontecendo no mundo naquele momento. E Berkley era emblemática. Naquela época, por exemplo, já havia uma preocupação ambientalista muito grande lá. Uma grande consciência de luta antirracista, da luta feminista e da luta pelos direitos dos homossexuais. E quando cheguei ao Brasil, trazendo toda essa carga, que foi muito intensa e muito gratificante, desembarquei numa espécie de deserto. Foi aí que eu e meu namorado no período começamos a elaborar o grupo Somos, em 1978. E exatamente no mesmo período, fundamos o jornal *O Lampião*, do qual eu era um dos editores. Foi quando me ocorreu escrever *Devasso no paraíso*, graças à solicitação de uma editora inglesa, de Londres.

REPERCUSSÃO

Lancei a primeira edição em São Paulo e Londres. Na época, o livro esgotou rapidamente a primeira tiragem. E a repercussão foi imediata. Lembro que o ator Paulo Villaça, já falecido, que fez o protagonista de *O bandido da luz vermelha*, me telefonou do Rio de Janeiro “Trevisan, eu quero muitíssimo te agradecer, porque você me lembrou que eu sou veado e sou

feliz.” Ele estava muito emocionado. Mas logo depois veio, como um tsunami, a AIDS, e o livro ficou em num limbo violento. Só consegui fazer uma terceira edição em 2000. Lembro que os editores davam os mais diversos pretextos para dizer que não podiam relançá-lo. Esse período de recusas foi um mergulho não só no limbo, mas também no purgatório, dando umas queimadas no inferno. Aí percebi um pouco melhor que o livro estava mexendo com as pessoas, e muito negativamente, inclusive. A única resenha que saiu do livro na época foi na *Folha de S. Paulo*. O crítico, um homossexual que eu conhecia, arrasou com o livro, dizendo que neste país não havia editores com coragem suficiente para mandar o escritor cortar trechos de suas obras que não eram necessários. A Universidade também não gostou do livro no período. Escrevi um livro anti-acadêmico, com todo o rigor de um livro de academia, porque a pesquisa é bruta. Mas aí veio esta quarta edição, que também penei muito para que saísse. E, digo isso com orgulho, estou comovido com a repercussão que o livro está tendo nas novas gerações. Jamais poderia imaginar. Eu tenho sido recebido com muito carinho, as pessoas estão completamente embasbacadas com o livro. Falei com o [ator] Guilherme Weber, pelo Facebook, e ele disse que estava “empolgadíssimo com a leitura” do *Devassos*. Tenho recebido esse retorno das pessoas o tempo todo.

LGBTB

A publicação de *Devassos* já faz parte da história da cultura LGBT a essas alturas. Na última parte do livro, que se chama “Resistência dos vaga-



-lumes”, faço alusão ao fato de que eu jamais encontrei a comunidade LGBT no Brasil com tamanho nível de consciência política. Nos meus artigos, tanto para a revista *Sui Generis*, quanto para a *G Magazine*, muito frequentemente fazia críticas severas a algumas situações da comunidade. Coisas muito negativas. Uma delas era o baixo nível político dos gays no Brasil. E quando eu falo de nível político, não me refiro à política partidária, mas sim



ao nível político sobre os direitos dos gays e de como lutar por eles. Era uma comunidade completamente refratária e muito distante dessas coisas — e que ainda continuava, de certo modo, culturalmente, dentro do armário mesmo que frequentasse sauna, boate, clubes, etc.

PAI, PAI

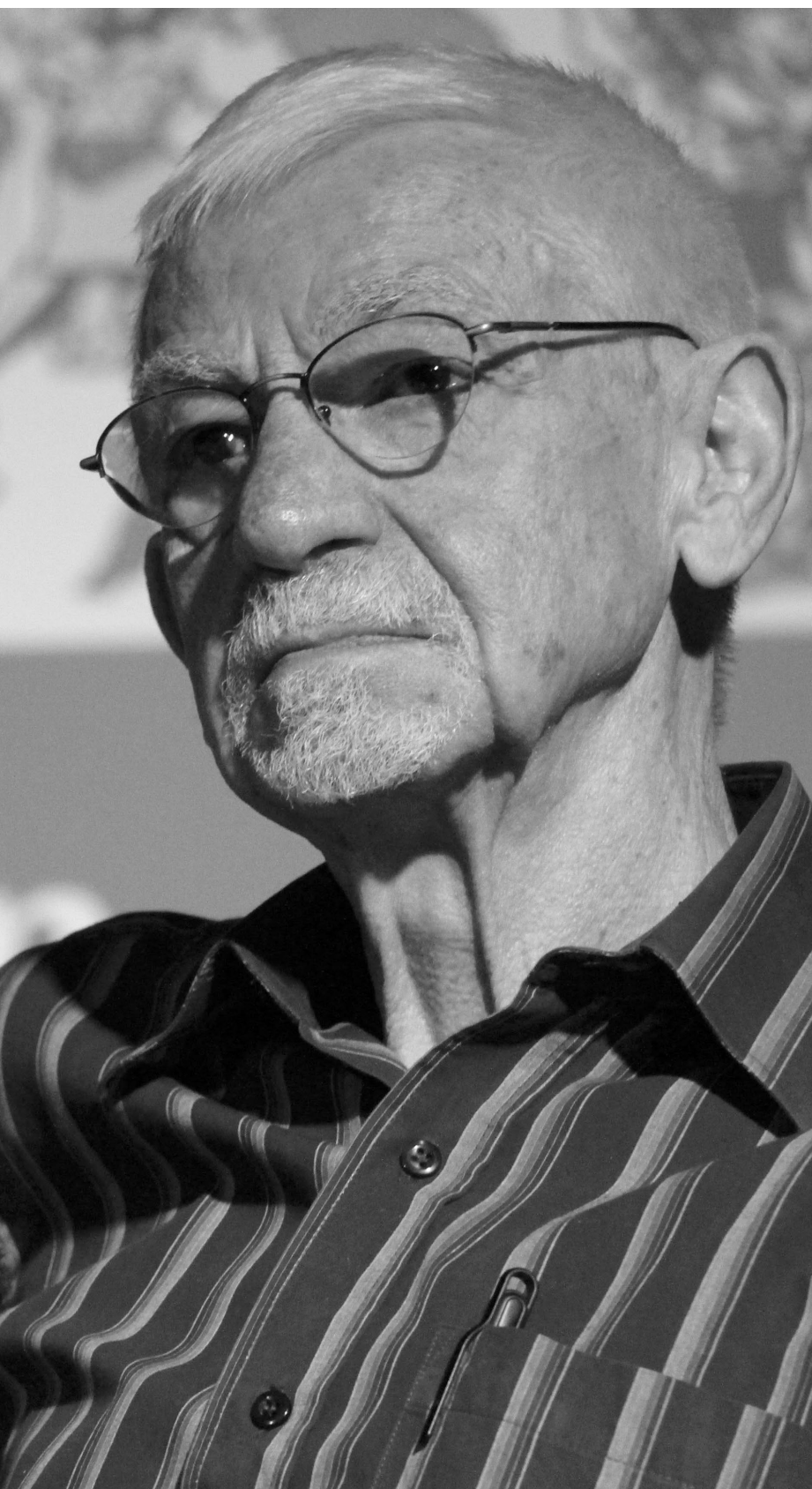
Comecei a escrever esse romance no meio de uma depressão. Bem, eu sou um depressivo crônico e isso pelo menos já aprendi a aceitar nos meus anos de análise. Mas foi um livro muito difícil de montar. Fui bastante ajudado pelo meu editor, Marcelo Ferrone, da [editora] Alfaguara, que foi um grande parceiro. Não sabia exatamente o que eu estava fazendo, senão um balanço da minha vida, como

um idoso pode fazer. Ou buscando alguma paz, ou num clima de balanço que já pressupõe essa paz. Que é uma coisa muito gratificante da velhice, você poder olhar seu limite que está logo ali, teu prazo de validade, você sabe que está bem mais próximo, e aí você diz “bom, o que tenho a perder, senão a minha verdade?” Então o que eu fiz foi, ao analisar a minha relação com meu pai, e como ele percorreu a minha vida, um *strip-tease* da minha alma. E acho que foi uma coisa muito impactante para mim. O mais curioso no livro, é exatamente isso, a partir dessa primeira frase: “Tudo que meu pai me deu foi um espermatozoide”, que é uma frase terrivelmente magoada e ressentida.

PERDÃO

No dia em que o livro foi para a gráfica, entrei em pânico. Pensei comigo: “Tô ferrado, qualquer pessoa que comprar o livro, vai saber uma boa parte do que está na alma de João Silvério Trevisan”. Mas logo depois o pânico passou porque era exatamente o que eu pretendia fazer. Era isso. Não teria conseguido escrever esse livro, se não tivesse me despedido dessa maneira. Então foi um risco que corri, e que me permitiu chegar até o final desse processo e descobrir a questão mais importante do livro: o perdão. Aliás, não foi uma descoberta, foi a reiteração do perdão, pois o perdão não é uma decisão, são sucessivas reiterações que você vai fazendo. Você não perdoa assim: “A partir de amanhã eu perdoo aquele namorado que me abandonou, ou aquela pessoa que me fez uma desfeita”. Não tem isso de marcar a data em que você vai começar a perdoar. O perdão mexe com ➡

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



raízes espantosas, ele mexe com emoções e acaba sendo um longo processo. Tanto que, no livro, há vários momentos de perdão do meu pai. E nunca considere que o perdão estava pronto. Nunca me apareceu pronto. Mas quando eu chego ao final e faço aquela invocação ao perdão, acho que é o único poema presente completo no livro, aquele momento condensa o ponto em que eu gostaria de ter chegado, e talvez eu tenha chegado, mas não tenho certeza. Descobri esse extraordinário universo do perdão. Porque nós somos obrigados, antes de mais nada, a perdoar a nós mesmos, quando a gente perdoa. Perdoar tudo aquilo que nos levou a provocar as coisas que depois nós vamos perdoar nos outros, mas que na verdade começam na gente.

PAI FALSO

O pai é totalmente decepcionante num momento ou outro da vida. Menos ou mais, ele vai ser decepcionante. Porque a ideia de pai, é uma ideia totalmente falsa. É de um super-homem. E foi a compreensão que eu tive do meu pai, do perdão. Nunca pensei no meu pai como um cara infeliz. Meu pai era um alcoólatra, porque ele era profundamente desesperado. Então eu não podia esperar desse homem, que ele fosse gigante, que ele fosse herói, perfeito. E essa busca de perfeição, não está fora de mim. Essa busca do herói, não está fora de mim. Você tem que criar um pai dentro de si, para que possa ser você mesmo. Não tem saída. Isso, em sentido lato, ou até estrito, é o amor ao pai. Mas foi graças a esse pai, que eu cheguei a esse amor. Só estou falando aqui e pelo Brasil afora por causa desse pai alcoólatra, que não me amou.

DEMÔNIOS

Sempre, nos meus mais de 30 anos de coordenação de oficina literária, bati o pé afirmando que não existe literatura verdadeira, sem que a gente mexa com nossos demônios. Você vai trabalhar uma literatura que seja tua, pessoal, e que vai mexer com a responsabilidade de estar interpretando o teu mundo e o mundo dos outros, então não tem escapatória. Você tem que mexer lá no seu caldeirão, aquele caos terrível, onde estão sombras pavorosas, que a gente não gosta de mostrar, mas é onde e estão esses demônios que nos compõem. *Pai, pai*, por exemplo, é um livro de demônios que chegam até à luz, de sombras que emergem para a luz.

OFICINAS

Acredito que as pessoas que comparecem a uma oficina literária, estão, antes de mais nada, em busca da sua expressão pessoal mais radical e mais profunda. Acho que vão ao lugar certo, mesmo que não se tornem escritores profissionais. Essas pessoas têm uma revelação sobre o que é a literatura, de tal modo que o mínimo que acontece é se tornarem excelentes leitores e leitoras, porque vão compreender um processo literário quando lerem um outro autor. E vão compreender a grandeza que está presente nessas outras obras que vão ler. Ou seja, elas vão ter uma comunicação já antecipada de um outro mundo, dentro do qual elas penetram, têm o privilégio de penetrar.

LEITOR

Lembro que, em 1992, estava escrevendo *Ana em Veneza* e ganhei um computador 486 de presen-

te. Era um pouquinho melhor do que uma máquina de escrever. Era uma máquina de escrever sofisticada, mas que me ajudou muito. Sem ela, não teria feito *Ana em Veneza*. A minha sensação foi muito gratificante. Eu me sentava às nove da manhã, era tudo muito cronometrado, e recomeçava a escrita do romance. Continuava com uma grande capacidade expressiva. E foi aí que me dei conta e falei “caramba, quanta coisa aprendi com as oficinas, estou muito mais à vontade aqui mergulhado nesse caldeirão literário”. Então acho que sobra para todo mundo na literatura, sobra para quem faz e certamente para quem lê.

PRÓXIMOS LIVROS

Tenho um romance pronto já há quase três anos. Não sei se o público no próximo ano, ou se antes sairá a segunda parte da trilogia do *Pai, pai*. A segunda parte já está quase toda completa. E aí depois tem uma terceira parte que é um pouco mais complicada. Na verdade, *Pai, pai* entrou na frente e atropelou os dois livros.

PROJETOS

Um dos grandes problemas da minha casa é a quantidade de pastas com projetos futuros. Outro dia me pediram os resumos dos meus roteiros. Eu tinha, mais ou menos prontos, 12 projetos, 12 roteiros de filmes. Isso sem falar das pastas e pastas com projetos de romances. De contos nem se fala. Sou um coelho, do ponto de vista de produção literária. Mas uma vida só vai ser muito pequena para isso. Mas tudo bem, já está de bom tamanho. Espero que ainda dê tempo de algumas outras coisinhas, mas estou satisfeito. É indescritível a sensa-

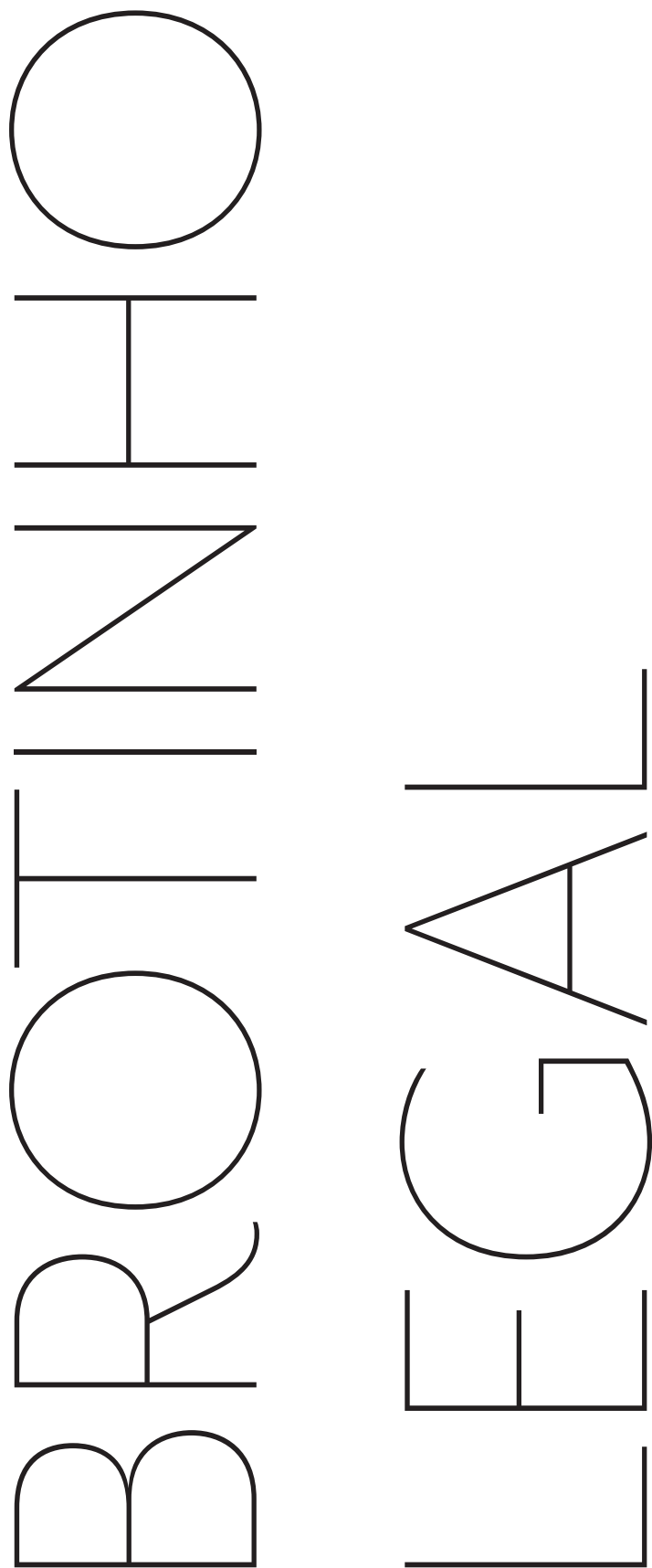
ção de deixar uma obra porque essa é a parte mais agradável, de fato, da escritura literária. E, quando você chega ao final da sua obra, e você considera que ela está pronta, tem a sensação de que é o criador com “c” maiúsculo. Você tirou do nada. É uma coisa deslumbrante. É a sensação de ter jogado uma garrafinha no mar e alguém ter a encontrado.

BRASIL

Sempre considerei esse país um enigma a ser decifrado. E estou cada vez mais convencido de que é impossível decifrar o Brasil. Então isso, essa eleição que aconteceu em 2018, para mim, foi mais um capítulo no enigma brasileiro. Como é que nós chegamos a esse ponto? Minha perplexidade é um pouco a perplexidade do poeta espanhol Antonio Machado, que em um de seus versos mais conhecidos disse: “Caminante, no hay camino. Se hace camino ao andar”. Esse é o Brasil. Um país sem projeto, porque o projeto dele é andar. Então acho que fico com a perplexidade do poeta. E é uma perplexidade muito imensa. Mas é criativa. Nós estamos aqui, prontos para o que der e vier, porque nós criamos. Tem gente que gosta de destruir. Mas nós vamos criar. Vão destruir? Mas nós vamos continuar criando. Essa é a ideia que está na última parte da nova edição dos *Devassos no paraíso*: a resistência dos vaga-lumes. Com base num artigo de Pasolini e num livro do filósofo francês George Didi-Huberman, que menciona a necessidade da escuridão para que os vaga-lumes brilhem. Então eu terminei o livro dizendo o óbvio: quanto maior a escuridão, mais nós brilharemos. Preparem-se para o nosso brilho. ■



CONTO | JOÃO SILVÉRIO TREVISAN



Ah, o nariz do Marlon Brando, suspirou ela enquanto dirigia seu novíssimo Volkswagen, na radiosa manhã de domingo. Tão másculo. Estava a caminho da chácara de uns amigos, a quem pretendia mostrar esse carrinho bacana que tinha ganho dos pais, como presente de formatura do colegial. Talvez por influência da “Diana” do Paul Anka, que tocava no rádio do carro, ela se deu conta do óbvio: seu namorado Carlinhos tinha o nariz do Marlon Brando. E estava assim embevecida na fantástica descoberta quando o carro parou de repente, no meio da estrada deserta. Fenomenal! Começou a mexer em todos os botões do painel, sem sucesso. Acabara de conseguir a carteira de motorista, e não entendia nada de máquinas, especialmente aquela baratinha estranha que começava a ser fabricada no Brasil. Desceu, alisando para desamassar a saia rodada. Como estava frio, vestiu a blusinha banlon cor-de-rosa. Examinou os pneus, a lataria e tentou várias vezes dar a partida, com direito a muitas exclamações, reticências e palavras reprimidas. Ocorreu-lhe abrir o capô. Com cuidado para não sujar a roupa domingueira, fez força até escancarar a frente do carro. Só me faltava essa! O que ela viu quase provocou um desmaio. Exceto por algumas ferramentas e o estepe, o capô encontrava-se vazio. Quer dizer, não se via nem sinal do motor. Carambolas, essa é de lascar! Algum cara de pau o tinha roubado ou algum sacana tinha lhe pregado uma peça ou tinha ficado esquecido na fábrica, ou tinha... tinha o quê, afinal? Permaneceu alguns segundos incrédula, até perceber que estava mesmo numa furada monumental. Beirando o pânico, sentiu as cólicas voltarem, desligou o rá-

dio e quis gritar bem alto a sua desgraça: perdera o motor do seu carro novinho em folha. Mas perdera como, quando, onde? Essas estradas do Brasil, é claro! Tanto buraco, tanto sacolejo, lembrou-se de ter ouvido um barulho estranho. Numa das malditas curvas, o motor com certeza tinha caído. Foi olhar de novo: sim, o capô encontrava-se vazio. Pensou, pensou. E antes que fundisse a cuca, decidiu voltar a pé pela estrada, quem sabe não encontro o motor naquela curva logo ali? Caminhou uns vinte metros, examinando cuidadosamente o chão e as laterais da estradinha. Não viu nem tchuns do motor, talvez porque fosse menor do que se imagina, não sei, numa época com tanto progresso tudo pode acontecer. Decidiu voltar para o carro, contendo a vontade de chorar. Pensou no Carlinhos. Estaria salva se tivesse trazido o Carlinhos, tão parecido com o Marlon Brando, ai! Sentou-se numa pedra à beira do caminho, por que o Carlinhos não quis vir comigo, vai ver não gosta mais de mim. Será que...? A Vilma! Sim a Vilma vive dando em cima dele, disfarça bem mas eu percebi. Será que o boko-moko do Carlinhos...? *rock'n roll*, roleta paulista, racha, *crazy love*, Levantou-se, bateu o pé no chão várias vezes, com raiva só de pensar. Ah, se for verdade ele e a Vilma me pagam. Pois vou paquerar naquela rua chamada desejo, a tal Augusta que está na moda. E só de birra entro na turma dos *playboys*, danço *rock* com eles feito louca, porque eu sou uma garota pra frente, morou?, chega de ser careta, sou até capaz de participar de uma roleta paulista e aí então... Aí... ah, o nariz lindo do Carlinhos, *you are my destiny*! Chorou um pouco. Sentiu-se a própria Lana Turner, não, a Sandra Dee perdida no meio do nada,

sem ninguém. E continuaria a desfilar toda a galeria de heroínas sofredoras de Hollywood se não aparecesse uma camionete último tipo, vinda em sentido contrário. Que gentilmente parou. Ela arrumou-se, enxugou as lágrimas o suficiente para exibir seu sofrimento e esperou, enquanto o motorista parou o carro, desceu e caminhou em sua direção. Um coroa, que coisa chata. Ele perguntou, ela respondeu, não sabia, um verdadeiro mistério, o fusca novinho em folha e justo comigo, justo neste domingo convidativo, meu primeiro passeio sozinha, um horror! Mostrou a ele o capô vazio: sumiu mesmo, está vendo?, desconfio que caiu na estrada, só pode ser. O homem riu, coçou o queixo com um olhar maroto e chamou a mocinha até a traseira do carro.

— Olha, vou lhe explicar uma coisa fantástica. Essa fábrica da Volks é tão boa e competente que costuma instalar um motor sobressalente nos seus carros, para casos como o seu. Igual um pneu de reserva, entende?

O homem, simpático e cavalheiro, levantou o capô traseiro e mostrou. Lá estava o motor extra. Precavidos, os fabricantes alemães sabiam como são ruins as estradas do Brasil, então, não pensaram duas vezes... Mas... e o motor sumido, o que faço agora? Ah, esquece. Ele abriu um sorriso enorme, pra que um brotinho legal como você precisa de dois motores? Só então ela percebeu aqueles olhos verdes e os cabelos grisalhos iluminados pelo sol da manhã... Óbvio, meu Deus, ele é a cara do Jeff Chandler!

Jeff Chandler examinou o tanque. Ora bolas, acabou a gasolina, só isso. Ela se lembrou. Tinha andado de fusca a semana inteira, para visitar amigas e parentes, claro que a gasolina acabou. Enquanto Jeff foi até sua

camioneta, ela deu uma olhada rápida no espelho do carro e ajustou o penteado bolo-de-noiva esculpido com laquê, ainda ontem no salão. Olhou de soslaio, que tipão! E aproveitou para umedecer os lábios, perseguindo um quê de Ava Gardner. O sujeito voltou com um galão de combustível de reserva. E, como um verdadeiro mocinho de filme, reabasteceu o tanque do Volks da mocinha. Que pão de homem!

Na hora da despedida, ela sentia o coração partido. Parecia que tudo ia se acabar num clima imitação-da-vida, a alguns milímetros do pranto inconsolável. Então Jeff virou o jogo e pediu seu número de telefone, que ela recitou de imediato. E ele, enquanto anotava, dia desses a gente vai tomar uma Crush junto, que tal, brotinho? Ela ainda tinha os lábios boquiabertos de emoção quando a camionete acelerou e foi embora. À medida que o ronco se distanciava, sentiu crescer no peito a certeza de que estava gamada.

A caminho da chácara, a toda velocidade, ela suspirava até quase perder o fôlego, ah, que estouro de homem. Eufórica no seu fusca de motor duplo, que também funcionava com um só, a mocinha ligou de novo o rádio. Tinha que ser Celly Campello! Lógico, o estúpido cupido anda solto neste domingo. Enquanto cantarolava, sentiu-se inspirada e mudou a letra: vem pra perto de mim... lá rá lá lá, meu coração tão louco para amar! Lembrou-se vagamente do Carlinhos e não conteve um riso. Ora, o nariz do Marlon Brando... Sem essa, meu chapa! ■

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN é escritor, dramaturgo e roteirista de cinema. Autor dos romances *Ana em Veneza* e *Rei do cheiro*, também escreveu obras ensaísticas, como *Devassos no paraíso*. Seu mais recente livro é *Pai, pai*, o primeiro volume de uma trilogia de romances.

MODERNIZAÇÃO BPP

A METAMORFOSE

GUILHERME PUPO



Em 8 anos (2011-2018), a Biblioteca Pública do Paraná investiu mais de R\$ 8 milhões em obras e transformou o espaço que anteriormente apenas emprestava livros em um centro cultural com várias atividades relacionadas à leitura – 99 % do público demonstra satisfação com o atendimento da BPP

DA REDAÇÃO



Inaugurado em 2018, o Café da Biblioteca era uma demanda antiga dos leitores da BPP.

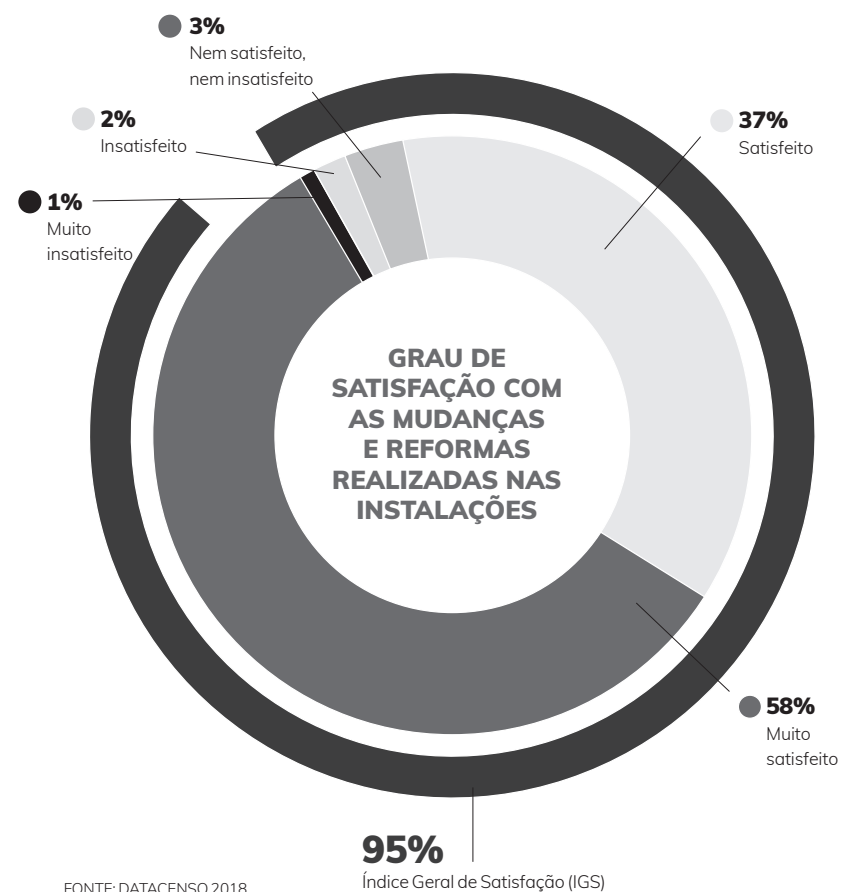
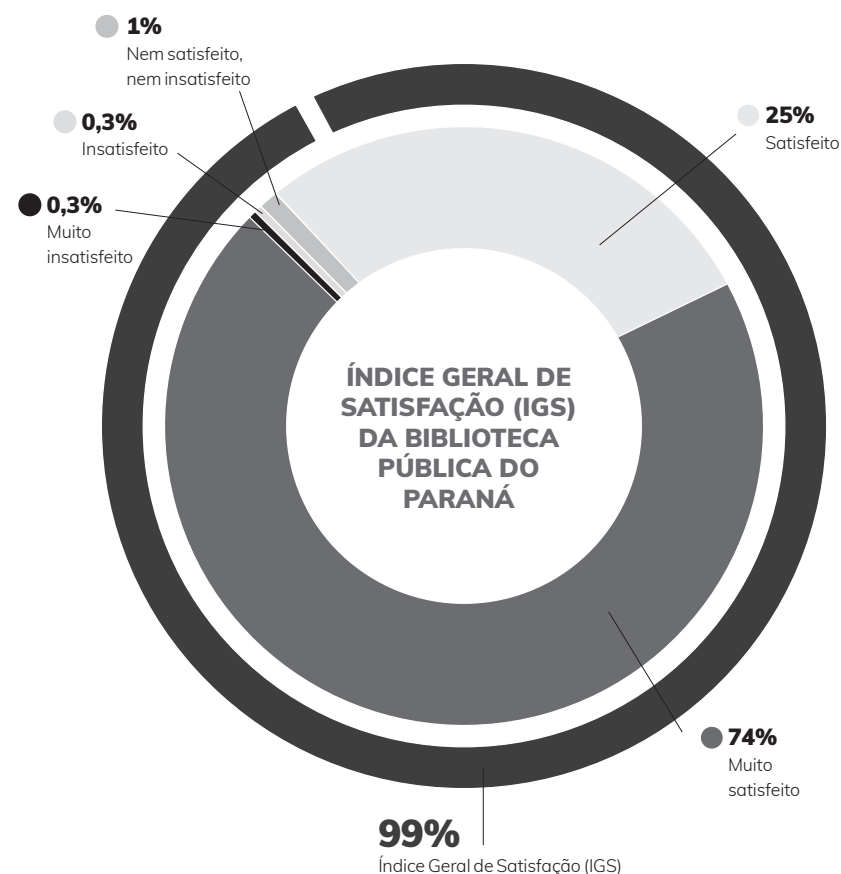
A segunda edição da Festa Literária da Biblioteca, a Flibi, realizada de 22 a 27 de outubro de 2018, apresentou uma espécie de resumo do que a Biblioteca Pública do Paraná vem desenvolvendo nos últimos 8 anos. Em 6 dias, o público teve acesso a uma programação intensa, incluindo debates e conversas com escritores — foram mais de 60 convidados, cursos, apresentações de música e teatro, exibição de filmes e atividades para o público infantil. Mas, apesar disso tudo, a Flibi — evidentemente — não resume tudo o que acontece na BPP desde 2011.

A intensa e contínua programação cultural é apenas uma das ações da atual gestão da instituição que existe há 161 anos. O prédio da BPP, 13.^a sede da Biblioteca, imóvel tombado pelo

Patrimônio Cultural em 2003, exigia cuidados e adequação a necessidades do presente.

Então, a BPP ampliou a rede lógica e elétrica, implantou rede wifi e também investiu na aquisição de novos computadores, além de fechar as laterais do prédio, viabilizando mais espaço para salas de leitura e para a Seção Infantil. Em 2015, foi realizada a pintura externa do prédio, ação realizada com o apoio das Tintas Coral, da Sanepar e da Compagas.

Outra atitude simbólica — e significativa — foi substituir os antigos fichários em papel, até então situados no hall térreo, por um catálogo informatizado — fato que, em alguma medida, sinalizou aderência da instituição ao universo e contexto digital do século XXI.



FONTE: DATACENSO 2018.

Índice Geral de Satisfação (IGS)



MODERNIZAÇÃO BPP

CENÁRIO DE CULTURA

Os 2 mil frequentadores diários percebem e usufruem das melhorias realizadas na BPP nesses últimos 8 anos, período em que foram investidos mais de R\$ 8 milhões em obras. Clarice Wruck, por exemplo, está na Biblioteca de segunda à sexta-feira e afirma que as reformas tornaram o ambiente mais amplo e atual. Já a estudante de medicina Tatiane Talevi diz que as mudanças deixaram a biblioteca bem mais agradável.

Os comentários de Clarice e Tatiane têm relação com o impacto das três fases da modernização da BPP. Finalizada em 2017, nos 160 anos da Biblioteca, a primeira fase da revitalização contou com R\$ 2,1 milhões, do Instituto Renault, destinados à reforma do auditório, do hall do segundo andar, dos banheiros do térreo e da Seção de Empréstimos, remanejada para dar lugar a um café inaugurado em 2018.

No primeiro semestre de 2018, a segunda etapa de melhorias — com investimento de R\$ 2,5 milhões do Instituto Renault — revitalizou as salas destinadas a Literatura, Periódicos, Multimeios e Infantil. Os espaços receberam novo mobiliário, iluminação e pintura. Também houve reforma da cantina e dos banheiros dos funcionários.

Realizada no segundo semestre de 2018 com investimentos de R\$ 1,8 milhão do Instituto Renault e mais R\$ 2 milhões do orçamento da própria BPP, a terceira e última etapa de modernização contemplou as seções de Filosofia e Religião, Esportes e Belas Artes, Ciências Puras e Aplicadas, Obras Raras e Ciências Sociais, Jurídicas e História, Braile e a Divisão de Documentação Paranaense.

O arquiteto responsável pela obra, Manoel Coelho, conta que toda a reformulação teve como meta organizar os fluxos dentro da Biblioteca, levando em consideração detalhes como iluminação e viabilidade de espaços aconchegantes. “Tenho muito carinho pela biblioteca e, confesso, nunca imaginei que teria o prazer de participar desse projeto”, conta Coelho, frequentador da BPP desde a década de 1960, período em que era estudante.

SINERGIA & SATISFAÇÃO

O diretor da BPP, Rogério Pereira, explica que as reformas foram planejadas não somente para modernizar o prédio, mas também com a finalidade de tornar o ambiente propício à realização de atividades culturais. E, durante a gestão, várias ações consolidaram a Biblioteca, bem mais que um espaço para o empréstimo

O escritor Eduardo Bueno (à esquerda) conversa com o jornalista Ricardo Sabbag, na 2ª edição da Flibi, em 2018



de livros, como um centro cultural. “Esse é o papel das bibliotecas modernas”, diz Pereira.

Foi possível oferecer ao público, por exemplo, oficinas de criação literária e de ilustração, exposições, o projeto Música na Biblioteca, além de a BPP editar este jornal **Cândido** e a revista *Helena*, incluindo a publicação mais de 40 títulos por meio do Selo

Biblioteca Paraná.

Entre as iniciativas, vale destacar a realização do Prêmio Paraná de Literatura, com premiação de R\$ 30 mil para o vencedor de cada categoria (Contos, Poesia e Romance) e a publicação das obras vencedoras com tiragem de 1 mil exemplares (cada uma).

O público infantil passou a contar com projetos que estimulam

OUTRAS AÇÕES DA BPP (2011-2018):

Bibliopraia (Projeto de empréstimo de livros em cinco pontos do litoral paranaense em duas diferentes edições: 2012 e 2013).

Caixas-Estantes (Armários de aço com até 100 livros, disponíveis a entidades públicas e organizações da sociedade civil).

Um Escritor na Biblioteca (Projeto da década de 1980 retomado em 2011, em que a cada edição um convidado conversa com o público. Posteriormente, o conteúdo é publicado no jornal *Cândido* e em formato de livro pelo selo Biblioteca Paraná).

Um Escritor na Fronteira (Realizado em 2012, em parceria com a Itaipu Binacional, o projeto levou escritores para bate-papos com a população de Foz do Iguaçu para contemplar o interior do Estado com ações do Governo).



DIVULGAÇÃO

a leitura, entre eles Aventuras Musicais, Aventuras Teatrais e Aventuras Literárias, além de Uma Noite na Biblioteca — iniciativa que oferece a crianças inúmeras atividades desde a tarde um sábado até a manhã do dia seguinte dentro da BPP.

Para avaliar o impacto da atual gestão, a BPP contratou o Grupo DataCenso, empresa especializada em pes-

quisas e estatísticas. De 5 a 11 de outubro de 2018, o DataCenso entrevistou 300 pessoas — a margem de erro é de 6%, considerando o grau de confiança de 95%. O resultado aponta índice de 99% de satisfação, ou seja, praticamente a totalidade dos atuais frequentadores da BPP aprova os serviços prestados e o ambiente pós-reformas.

A satisfação do público com o

Crianças participam de atividades dentro da BPP durante o projeto Uma Noite na Biblioteca

FÁBIO SANTIAGO



jornal *Cândido* atinge 96%, mesmo índice registrado em relação ao ambiente (agradável) e ao serviço de informações. Já o serviço de empréstimo e as instalações (conforto) têm aprovação de 97% dos entrevistados, enquanto a programação cultural agrada a 95% dos consultados.

A pesquisa também aponta, entre outras questões, que o público da instituição é diversificado, variando principalmente de 14 a 45 anos, com predomínio de pessoas com ensino superior, mas também com parte significativa de estudantes do ensino médio — as mulheres, com 60%, compõem a maioria dos usuários da BPP.

Estudante de 17 anos que frequenta diariamente a BPP, Letícia Ferreira afirma que a Biblioteca Pública do Paraná a motiva a ter uma perspectiva de futuro melhor. Andressa Taís Machado, 18 anos, é outra estudante e frequentadora do espaço que, com seu depoimento, dialoga com Letícia e também comprova a satisfação do público identificada pelo DataCenso: “Depois que comecei a frequentá-la [BPP], meu interesse na leitura e no conhecimento aumentou”. ■

RETRATOS

Mancha do mundo
modo de ver por empréstimo
lixo de viagens
testemunho do fato (de que se tirou uma foto)
retrato de um modo de ver uma coisa
semelhança por contágio
paralisia da paisagem
armadilha para prender um pássaro no voo
forma de bifurcar uma pessoa
maneira de formar famílias
meio pelo qual o pôr do sol se arruinou
modo de deter a queda sem salvar o que cai
método rápido de fabricar passados
culto ao deus do detalhe
nos cartões postais, o avesso da escrita
nos documentos, aquilo com que nos devemos parecer
dispositivo que dá margens ao mar
guerra ao fato de termos um único rosto
parentes portáteis
com o advento do digital, aquilo de que nossas gavetas estão vazias
modo prático de acondicionar os mortos



Entra na terra estrangeira onde nascente
a casa antiga está aí recém-construída
o amigo morto acaba de se casar
e seu filho com quem já não falas
aí não sabe ainda falar de todo
é verão neste velho álbum
e as gerações como um rio atravessam
de um rosto a outro
aí tua namorada antiga numa camisa branca
está sorrindo, amassada nas bordas
e a tua mãe antes de o ser
fuma seriamente com as pernas cortadas
e o teu pai, sério e jovem e fora de foco,
segura orgulhoso um peixe
prateado e imóvel
aí ninguém morreu ainda a própria morte
exceto o peixe prateado e imóvel
ele sim o foco da fotografia



Dois corpos não podem ocupar
o mesmo lugar no espaço
mas dois eventos sim podem ocorrer
ao mesmo tempo no mesmo lugar
por exemplo a gaivota que num mergulho
captura um peixe prateado
e é ela mesma então capturada
na fotografia
enquanto logo ao lado
fora do quadro
contra o fundo azul do céu
o menino negro salta da pedra
ao mar nesta foto
não tirada



Poupou-nos das fotografias
 como se nos poupasse, assim,
 da morte
 coice de cavalo
 tombo na rua
 rápida guilhotina.
 Outros, decapitados,
 amputados de pernas, pés
 ou apenas privados da paisagem
 encarcerados em retângulos
 estreitos como celas
 esperam.
 Nós, ao contrário,
 fomos poupados.
 Fomos poupados
 e não nos sentamos todos de um só lado da mesa
 como numa última ceia
 não abraçamos parentes que mal conhecíamos
 não sorrimos sem vontade.
 Fomos poupados
 e não existimos mais naquele dia.
 Fomos poupados
 embora também sobre nós
 o tempo tenha deixado cair
 sua mão pesada.



Entra no álbum antigo como no leito de um rio
 e sai dele diferente e deixa-o diferente dele
 e sai sujo de árvores e paisagens e cidades
 e esfrega os olhos com as costas das mãos para livrar-se das imagens ■

ANA MARTINS MARQUES nasceu em 1977, em Belo Horizonte. Graduada em Letras, tem doutorado em literatura comparada pela UFMG. É autora de *A vida submarina*, *Da arte das armadilhas* (vencedor do Prêmio Biblioteca Nacional em 2012) e *O livro das semelhanças*.

CAPA

DIVERGÊNCIA



RODRIGO VALENTE

Para o escritor José Castello, Ana Martins Marques é “a maior poeta da nova geração”.

COMO MARCA

Fragmentada e com uma atração brutal pelo cotidiano, a geração de poetisas surgida nos anos 2000 tenta juntar um “século em cacos”, nas palavras de José Castello. Neste breve ensaio, o crítico aponta as principais vozes da nova safra de poetisas brasileiras

JOSÉ CASTELLO

A poesia brasileira já não tem mais a feição compacta e o esplendor que notabilizaram os grandes navegantes do século XX. Drummond, Bandeira, Vinícius, Cabral, Cecília, Schmidt, Murilo — quem ainda pode sonhar com esse time impecável? Uma inspirada geração intermediária, porém, se dedicou a costurar os dois séculos. Nela se destacam Manoel de Barros e Hilda Hilst, já falecidos. Ela nos deixa, hoje, poetisas — de idades diversas e vozes ainda mais distintas — do peso de Adélia Prado, Antonio Carlos Secchin, Nelson Ascher, Antonio Cícero, Armando Freitas Filho, Chacal e alguns grandes bissex-tos como Silviano Santiago. Todos ativos e em plena forma. Poetas que, cada um do seu modo, descerraram as portas de entrada do século XXI. E que continuam a caminhar, com firmeza, à nossa frente.

Fazendo a ponte entre os dois séculos, veio a afirmação de um quarteto: Paulo Henriques Britto, Nuno Ramos, Eucanaã Ferraz e Alberto Martins surgiram para confirmar que a poesia brasileira continua densa

REPRODUÇÃO



A paulistana Annita Costa Malufe é autora dos livros de poemas *Quando não estou por perto* (2012) e *Um caderno para coisas práticas* (2016).

e inventiva. Nascidos (com exceção de Britto, o mais velho) em torno dos anos 1960, eles chegaram ao século XXI em plena maturidade. Prontos para dirigir a nova caminhada. São quatro grandes poetisas maduros, donos de si e de voz inconfundível. Juntos, empurraram a porta do novo século.

Há nesse quarteto, antes de tudo, a afirmação de um elo essencial entre poesia e risco. Paulo Henriques Britto, no já clássico *Macau*, diz: “O dia levanta a cabeça/ num gargarejo fatal:/ a tarde lhe rasga a carótida./ Noite”. A poesia nos defronta não só com o perigo, mas com a passagem cada vez mais acelerada e louca do tempo. O século XXI é voraz e não se pode fazer poesia sem nela incluir essa voracidade ou, pelo menos, o medo de que ela venha a nos dominar. Nesse novo tempo, é preciso ser rápido e sincronizar com a mudança: “Também os anjos mudam de poleiro/ de vez em quando, se rareia o alpeste/ indeglutível que é seu alimento”, diz Britto em outro poema. Vivemos o nascer de um século que atravessamos aos tropeções, o peito ofegante, um século que, a todo momento, nos empurra e ameaça nos esquecer.

Estamos todos “em trânsito”, como nos avisa Alberto Martins em seu livro mais brilhante. Nada mais é fixo. Nesse cenário, o poema se torna um veículo. “Usuário/ que neste mundo engarrafado/ usa o poema/ como meio de transporte”. Enquanto isso, “em cima da mesa/ muitas coisas permanecem/ inconclusas”. Lá se foi o tempo do bom acabamento, do fecho impecável, da face definitiva. A poesia, agora, é estridente e instável como a vida. Resta ao poeta, para além de todas as escolas e de todas as estéticas, contentar-se com o agora. ➔

CAPA

Em *Escuta*, Eucanaã Ferraz escreve: “Se tudo te parece frágil é verdade é frágil tudo;/ mas venho te dizer que tudo permanecerá vivo/ nesta hora em que te digo agora”. A precariedade do agora se torna, assim, um elemento decisivo da nova poética.

NOVOS CAMINHOS

Agora, ainda mal acostumados ao novo milênio, chegamos a um tempo de frágeis experimentos e de tentativas — ideia muito bem expressa em *Tente entender o que tento dizer*, antologia organizada este ano por Ramon Nunes Mello para a editora Bazar do Tempo, do Rio de Janeiro. Livro que se torna uma espécie de síntese — incompleta, certamente, mas vital — da nova era. Espécie de guia e mapa do que já começou a chegar. Uma lanterna — a que devemos, aqui, nos apegar com coragem. Antologia que repete, um pouco, os passos dos 26 *poetas hoje*, coletânea dedicada à “poesia marginal” que Heloisa Buarque de Hollanda organizou em 1975. Só que agora eles já não são 26, mas 96. A poesia e os poetas se multiplicam.

O título, que parece arrancado do poema “[Tente entender:]”, de Letícia Brito, mas talvez também de “Tente passar pelo que estou passando”, de Heyk Pimenta — dois nomes a não esquecer —, sintetiza, com impressionante lucidez, o impasse, mas também a energia de um tempo no qual o outro, a alteridade e a diferença se impõem como as grandes questões. Na verdade, sua origem está em uma epígrafe tomada de empréstimo a Caio Fernando Abreu: “Então, serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas, por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer” (da crônica “Primeira

carta para além dos muros”, publicada em *O Estado de S. Paulo* em 21 de agosto de 1994, seis anos antes do novo século, que Caio não chegaria a viver). Naquele momento, Caio F. começava a ter coragem de falar publicamente a respeito de sua experiência com a Aids, que o mataria pouco depois.

A chave, é evidente, se esconde no verbo “tentar”. Nosso século ainda não tomou corpo, ao contrário, apresenta uma face bastante obscura. É um século que ainda não nasceu de todo e que apenas balbucia. Ainda assim, é preciso seguir em frente e, aos poetas, cabe continuar a escrever, sem temores, se ceder às dúvidas, sem esmoecer. Por em execução, empreender, começar — o dicionário aqui me ajuda. Tentar falar, portanto, de um começo, ainda impreciso, ainda inseguro, muito pouco dono de si, mas que, ainda assim avança. Há uma nova poesia que, ainda que vacilante, se desenrola e se afirma.

Há, também, uma mensagem que ficou inacabada, que se interrompeu abruptamente: a de Rodrigo de Souza Leão (1965-2009). Em suas palavras talvez possamos encontrar (ainda que obscura) alguma pista. “Não há nada que o sol não revele/ principalmente hoje/ quando a neve fecunda o óvulo negro/ do asfalto/ e dessa combinação/ surge o óbvio” — ele nos diz na décima “Elegia ao nada”. Rodrigo escreveu e morreu em busca dessa claridade solar que a tudo resolvesse, ainda que a tudo dissolvesse em nada também. Porque o óbvio é nada — é pura repetição. A mensagem inacabada que ele nos deixa diz isso: o óbvio nos espreita logo ali à frente e precisamos saber dele nos desviar, ou seremos esmagados. Foi o que Rodrigo fez o tempo todo.

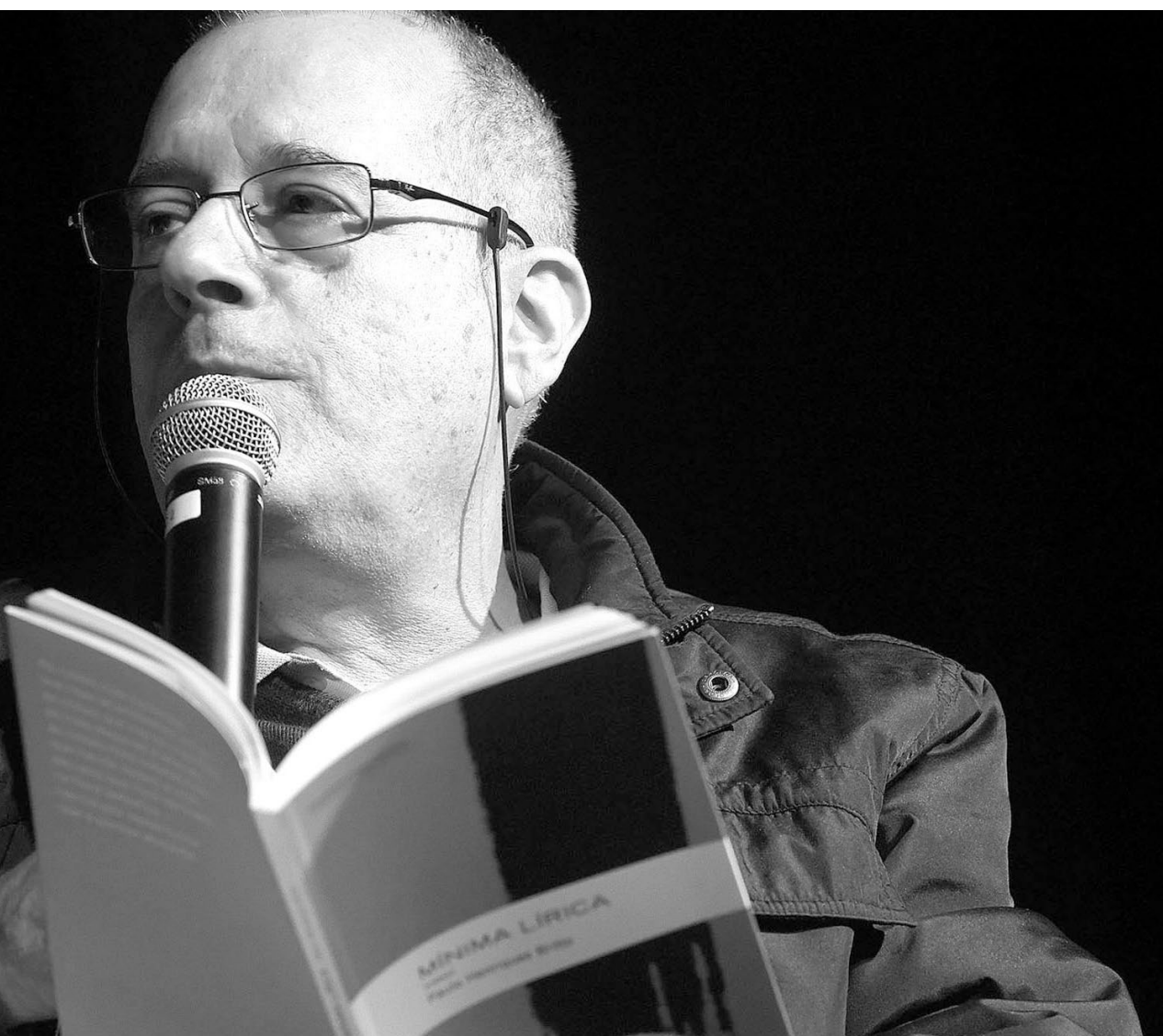
O poeta Paulo Henriques Britto, nascido nos anos 1950, é uma das vozes mais importantes da poesia brasileira hoje. Em 2018 lançou sua mais recente coletânea de poemas, *Nenhum mistério*.



IMPASSE

A coletânea organizada por Ramon Nunes Mello traz um tema de fundo: “Poesia + HIV/ AIDS”. Carrega em seu interior, portanto, o perigo da contaminação. O contágio é, de fato, uma palavra síntese de nosso novo século, quando as escolas não mais se sustentam, as tendências se evaporam e as diversas vozes se misturam. Fronteiras se dissolvem; como ainda insistir na ideia dos grupos? O mundo — hipnotizado pela grande bolha cibernética — se torna, mais que nunca, movediço. Todos nos contaminamos, sem parar e sem desejar, e a poesia trabalha com isso. “Eis o poeta/ que ruge/ com todos/ os pelos/ do corpo/ arrepiados”. Esse urro é a nossa voz.

Não se pode ter tudo — e a maior poeta dessa nova



REPRODUÇÃO

geração, Ana Martins Marques, não aparece na coletânea de Ramon. Saltando para fora da antologia, precisamos ouvir um pouco o que Ana tem a nos dizer sobre o novo mundo cheio de ciladas e artifícios que agora somos obrigados a enfrentar. Em *Da arte das armadilhas*, ela descreve o novo impasse que cerca hoje os poetas: “Resta saber/ se as armadilhas/ são as mesmas/ Mas como sabê-lo/ se somos nós/ as presas?” É, portanto, às cegas que o poeta se mexe nesse novo espaço estético. Um espaço cheio de ara-

pucas, iscas em que os poetas tropeçam a cada momento, e apesar disso, dessa instabilidade insuportável, ou por causa dela, eles devem continuar a escrever. Alerta Ana: “Seguimos alegres e tristes/ cheios de pensamentos/ até o topo da cabeça/ fechados de medo/ próximos do mar/ mas nunca o bastante”. Há um risco (uma distância real) que afasta os poetas do extenso real. A eles cabe aceitar essa distância e fazer alguma coisa disso.

Útil, aqui, retroceder um pouco até os mais velhos, os que se oferecem como mestres à geração do novo século, e ouvi-los também. Começo por Chacal, salvo engano, o único que está presente nas duas antologias históricas. Em “Escrevo” com todas as letras, já no título, ele faz a defesa da pluralidade e da mistura. “Toco com todas as

teclas/ pinto com todas as cores/ não quero mais do mesmo/ eu quero mesmo o outro”, nos alerta. A busca da alteridade, corra-se o risco que for, está na base do projeto da nova geração, e Chacal, sempre antenado, já a antecipa. Mas como nomear uma geração que tem a divergência como marca? Não é preciso seguir um caminho: a proposta agora é seguir todos os caminhos. Haja pernas.

Podemos recuar e chegar ao mais velho deles, Silviano Santiago, e também nele encontraremos a mesma ânsia pela divergência. No afirmativo “Sim”, poema que abre a coletânea, Silviano escreve: “Observo-me, sou eu não sendo eu./ Tenho sido sem ter/ sido./ Tento ser sem ter/ sido./ Não somos todos? Tudo saber e nada conhecer”. Aqui é a fronteira do Eu que incha e explode. O poeta, nesse caso, se aproxima do filósofo, que escreve para se perguntar quem afinal ele é. O tom afirmativo — o “sim” do título não apaga, contudo, a dúvida. No século XXI, o poeta precisa suportar o paradoxo de ser “não sendo eu”. Mas, nesse caso, quem ele é? Aqui um desfiladeiro de perguntas se descerra, a acolher novos poemas. “Pergunto à Vida se ainda faz/ sentido lhe emprestar sentido./ Responde-me que sim”. Só a aceitação do paradoxo como verdade é capaz de sustentar uma direção. Ainda que à custa de muita dor.

Vale a pena escutar outro dos mais experientes, Armando Freitas Filho, que em “Cego amor”, delicado, mas enfático, adverte: “O rigor do amor/ tem dois gumes./ Um com a nua faca/ sem nenhum cuidado./ Outro na bainha/ é pura carícia”. Há uma beleza nessa divergência de direções. Mais que beleza: é ela que, com seu atrito, acende o fogo da vida. “Os dois são incontidos;/ ➔

CAPA

o primeiro tem a mesma/ sede de viver que o outro”. No choque de opostos, no esfarelar de qualquer verdade imóvel, ergue-se o novo século. Armandando sugere então que, diante desses atritos, sejamos delicados. Até por que, “no escuro dos corpos”, vemos muito pouco.

SÉCULO EM CACOS

Uma das vozes mais potentes do novo século XXI é Angélica Freitas — nascida, como Fabricio Corsaletti, Fabiano Calixto, Annita Costa Malufe, Marília Garcia e a já citada Ana Martins Marques, no bojo dos anos 1970. Em um poema narrativo de título longo, “Célio no céu, com toda a sorte de pedras preciosas”, e se debruçando sobre o passado, ela nos diz: “Era uma cidade/ com tão poucas possibilidades/ que toda essa atividade/ me parecia fascinante”. Trata Angélica do fazer e do viver “apesar de”. Também no século XXI, espremidos entre as tensões da nova época, os poetas parecem dispor de um intenso material que, no entanto, não conseguem acessar. Do quase nada — um século em cacos, fragmentado e sujo —, Angélica arranca, porém, versos fascinantes. “Me pergunto se naquela época/ você já sabia, mas a pergunta é ociosa./ e me lembro/ do brilho nos teus olhos”. Apesar da claridade intensa que cega, conseguir ver. Apesar dos fragmentos que se rasgam por todos os lados, chegar a saber. Nem que seja só um pouco.”

Detenho-me, agora, em Rafael Iotti e seu “Um poema a Leonilson”. Escreve: “Ouço a tua voz como quem ouve/ uma confissão anônima”. Na grande dispersão do mundo virtual, as vozes se tornam sussurros, confissões apenas esboçadas, nada mais que rascunhos. A poesia do século XXI

REPRODUÇÃO

ALICE SANT'ANNA ANA GUADALUPE ANA MARTINS MARQUES ANA SALEK ANGÉLICA FREITAS BIANCA LAFROY BRUNA DEBER BRUNO MOLINERO CAMILA NICÁCIO CARINA CASTRO CATARINA LINS CHRISTOVAM DE CHEVALIER E AGORA COMO NUNCA DIEGO CALLAZANS DOMINGOS GUIMARAENS DONH CORREIA ESTRELA RUIZ LEMINSKI FABIANO CALIXTO FABRÍCIO CORSALETTI FLÁVIO MORGADO ANTOLOGIA INCOMPLETA DA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA GREGÓRIO DUVIVIER ISMAR TIRELLI NETO JOSALDO LIMA RÉGO JULIA DE SOUZA LAURA LIUZZI LEANDRO DURAZZO LEO BONCALVES LÍVIA NATÁLIA LUANA CARVALHO LUCA ORGANIZAÇÃO ADRIANA CALCANHOTTO ANGEL LUCAS VIRIATO MARCECÍLIA BRANDI MARIANO MAROVATTO MARÍLIA GARCIA COMPANHIA DAS LETRAS OMAR SALOMÃO PAULO CÉSAR DE CARVALHO RAMON NUNES MELLO SIMONE DE ANDRADE JEVES SYLVIO FRAGA THIAGO E THOMAZ JAMALHO VICTOR HERINGER



Duas antologias publicas recentemente que trazem a produção de jovens poetas brasileiros.

DIVULGAÇÃO



O poeta Ramon Nunes Mello reuniu 96 poetas na antologia *Tente entender o que tento dizer*.

brasileiro se fragmenta como um objeto depois de uma grande explosão. Há rastros por todos os lados, pegadas sujas, multiplicidade de sentidos, e não adianta tentar costurá-los porque eles não se encaixam, nem se interessam pela exatidão. Ainda pisan-do o legado da “poesia marginal”, os novos poetas têm uma atração brutal pelo cotidiano. Não se importam com a perfeição, tampouco com a legibilidade. Simplesmente escrevem, cada um deles agarrado a seu torto cami-

nho. Observada desde dentro, essa poesia talvez pareça confusa e perdida; mais à distância, ela ganha os contornos de uma grande nebulosa, a respeito da qual nos interrogamos: o que se esconde ali?

Trancados todos no berçário de poemas, os poetas balbuciam palavras incompletas, gaguejam, arriscam-se, cientes de que a nova aventura está apenas começando e quase nada à frente se pode enxergar. Em um poema dedicado à memória do cenógrafo



A poesia de Silvano Santiago também traz a mesma ânsia pela divergência encontrada nos poetas da nova geração.

e artista visual Flávio Império, uma sensível Annita Costa Malufe descreve — como num quadro — a posição de espera na qual essa geração agora se abriga. “Eu nas coxias esperando a hora de/ voltar para casa a mesa cheia de gente/ e a noite esvaindo lenta pela rua”. A ideia dos bastidores — daquilo que está oculto, mas muito próximo — é útil para entender a posição dessa nova geração. Ainda se preparam; guardam o sentimento de que não entraram completamente em cena; ain-

da se resguardam — mas nada disso os leva a desistir de esperar. O século XXI está logo ali e basta só um pouco mais de força para atravessá-lo.

É a advertência que nos faz o jovem Ramon Nunes Mello em “Acto de fé”: apesar de toda a turvação oferecida pelo novo século e apesar mais ainda da violência que se alastra em torno, não abdicar da palavra. Não desistir de escrever. Em seu poema, a violência é ultrapassada pela confiança em um futuro. Os ataques às palavras se multiplicam, ela cambaleia e se fragiliza; mas é dessa estatura claudicante, porém ainda cheia de vida, a que poesia continua a ser escrita. A poesia é só um ponto de partida, e não de chegada. “No poço/ fundo/ sem fim/ amém”. A pala-

vra, “amém”, com seu rasto místico, fala de uma aprovação e de um desejo, e é neles que o poeta deve persistir. ■

JOSÉ CASTELLO nasceu no Rio de Janeiro (RJ) mas está radicado em Curitiba (PR) desde os anos 1990. É jornalista e escritor. Praticou diversos gêneros, como a biografia, a crônica, o jornalismo e o romance. Dentre seus livros, destacam-se *Vinicius de Moraes: poeta da paixão* (1994), *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma* (1996), *Inventário das sombras* (1999), *Ribamar* (2010) e *Dentro de mim ninguém entra* (2016).

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA | ROMANCE | LOURENÇO CAZARRÉ

CONTO A
SERVIÇO DO
ROMANCE

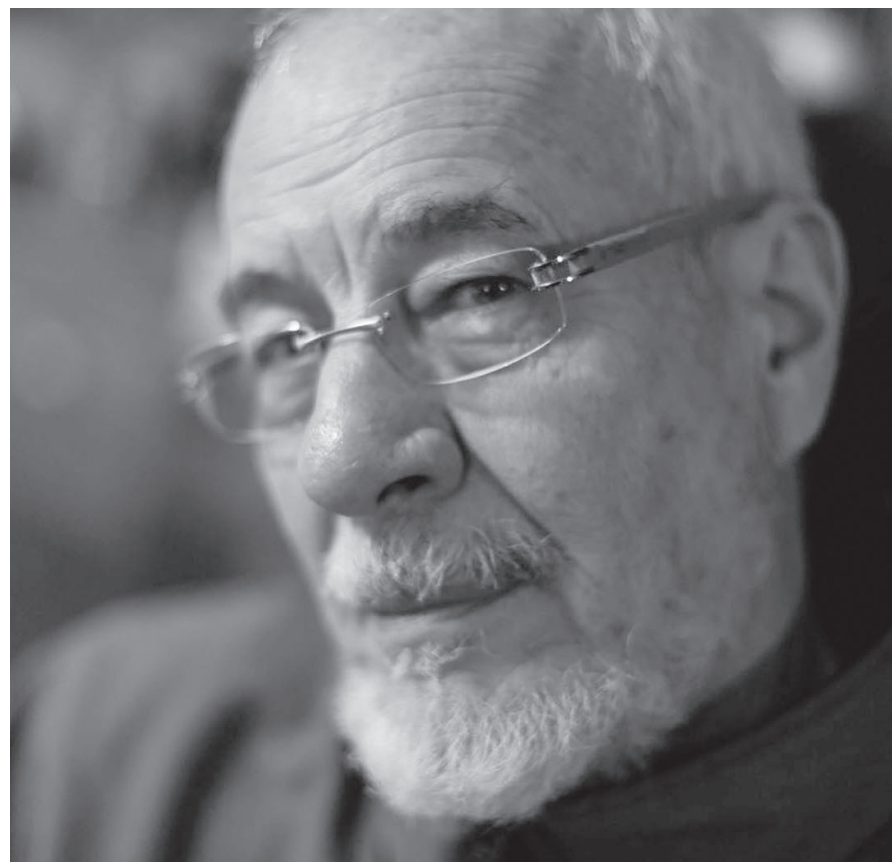
DANIEL TOZZI

Garhar prêmio literário não é novidade para Lourenço Cazarré. O autor de *Kzar Alexander, o louco de Pelotas*, obra vencedora do Prêmio Paraná de Literatura de 2018 na categoria Romance, ostenta uma sólida carreira como escritor. Com mais de 35 livros lançados, entre novelas juvenis, contos e romances, o gaúcho de 65 anos já conquistou, entre outros, o Jabuti, em 1998 (com seu romance infantojuvenil *Nadando contra a morte*), e o prêmio Nestlé de Literatura Brasileira em duas oportunidades (em 1982 com o romance *O caleidoscópio e a ampulheta* e em 1984 com a coletânea de contos *Enfeitados todos nós*).

Para o autor, *Kzar Alexander, o louco de Pelotas* pode ser definido como um livro “sobre a paixão alucinada de um homem pela literatura”. O romance nasceu a partir de contos que Cazarré começou a escrever na década de 1990, mas que, de acordo com o autor, não possuíam o mínimo traço de unidade entre as histórias. “Daí a ideia de criar um professor enlouquecido que imagina uma oficina literária para contistas”, observa o escritor sobre o personagem central de seu romance.

Cazarré salienta ainda que, no momento da inscrição no Prêmio Paraná, sua obra não estava totalmente pronta: “Nos últimos cinco anos o livro passou por uma dezena de revisões, até ser colhido em pleno voo pelo concurso”. Apesar do caráter “em construção” da obra, o trio de jurados que avaliou os romances inscritos no Prêmio — composto por Carola Saavedra, Luiz Antonio de Assis Brasil e Oscar Nakasato — selecionou *Kzar Alexander, o louco de Pelotas* entre os mais de 500 concorrentes na categoria. “O valor de um concurso é avaliado pelo gabarito do júri e por isso fico feliz pelo reconhecimento”, diz.

JULIANO CAZARRÉ



Lourenço Cazarré construiu um romance com muito humor e que celebra o conto em *Kzar Alexander, o louco de Pelotas*, livro vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2018.

LOURENÇO CAZARRÉ

é gaúcho, jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas e reside em Brasília desde 1977. Autor de 35 livros, entre coletâneas de contos, novelas juvenis, peças de teatro e romances. *Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar* (2011) e *Os filhos do deserto combatem na solidão* (2017) são suas publicações mais recentes.



CAPÍTULO INICIAL

Começa aqui a aula sem fim do Ateliê Livre de Iniciação Literária Embaixador Machado de Assis, obviamente sem prazo para encerramento, a ser ministrada pelo senhor professor doutor César Alexandre Sampaio de Cazeneuve e Honorato-Guimarães, conhecido escritor de histórias curtas e pedagogo de escol, no âmbito modesto do nosso município, sob inspiração dos seus mentores espirituais: o senhor doutor Anton Tchecov, o senhor conde Leão e aquele maluco narigudo chamado Gogol.

E mais tarde, muitas vezes em sua vida, Acáqui estremeceria ao perceber o quanto há de desumano no ser humano, quanta grosseria feroz existe às escondidas num ambiente culto, requintado e, meu Deus!, até naquelas pessoas que a sociedade reconhece como nobres e honradas.

A referida aula (na verdade, um curso intensivo) terá, em tese, como objetivo, na sua parte teórica, apresentar aos alunos participantes os mais significativos fragmentos da literatura mundial (contos) de modo que componham (os referidos fragmentos) um vasto painel da e(in)volução da escrita em todas as terras e tempos.

Janeiro do mesmo ano, que veio depois de fevereiro.

Até hoje não consigo entender que espécie de país é a Espanha... Hoje me raspam a cabeça, embora eu gritas-se com todas as forças que não queria ser monge.

Revolucionária, essa iniciativa pedagógico-artística que capitaneamos possibilitará (quem sabe?) a confecção, em sala de aula, pelos alunos, de um volume narrativo que, quase certamente, virá a ser uma fulgurante obra-prima literária que, num futuro não afasta¹⁸ do, causará furor de fruição gozosa em dimensão planetária. Entre os espíritos esclarecidos, claro.

Participarão do mencionado curso os mais diversos e vários narradores, fictícios ou não, concupiscentes ou castos, jovens ou idosos, machos ou fêmeas, praticantes das mais diferentes profissões, escolhidos entre os que aqui se encontram.

Daremos a essas pessoas, esperamos nós, a oportunidade ímpar de se tornarem os laboriosos artesãos literários dos quais tanto necessita esta sofisticada e culta cidade.

O facilitador dessa aula magna, o mestre no dizer arcaico, serei eu, o

já mencionado nobre senhor Czar Alexander, reputado criador de textos breves, que, ao longo dos últimos três decênios, dei a lume (lumino-so arcaísmo) cerca de sessenta narrativas curtas, enfeixadas em cinco coletâneas publicadas por três humílimas (mas conceituadas) editoras desta urbe.

— Foi o senhor que se dignou a perder seu nariz?

— Eu mesmo.

— Ele foi encontrado... Foi apanhado quando já estava quase tomando a diligência para Riga.

O fato mais extraordinário do nosso curso-lição será, sem dúvida, a presença, não física, impalpável, como professores auxiliares, de três cidadãos reconhecidos mundialmente na cena literária: Anton Pavlovitch Tchecov, Liev ou Lev ou Leão Nicolaiévitch Tolstói e Nicolau Vassiliévitch Gogol. Ipsis verbis. Per saecula saeculorum. ➔

DIÁLOGO POÉTICO

DANIEL TOZZI

Natural de Belo Horizonte (MG), Daniel Arelli, de 32 anos, é um dos autores estreantes na literatura brasileira de 2018 graças ao seu livro *Lição da matéria*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura na categoria Poesia. Doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, ele conta que a literatura e a produção de poemas estiveram presentes em sua vida — ainda que de maneira intermitente — desde a adolescência, quando começou a rascunhar seus primeiros escritos. “Tento domar essa inconstância da minha produção transformando a escrita em um hábito regular e um exercício prático cotidiano”, explica.

Os poemas presentes em *Lição da matéria* foram quase que em sua totalidade escritos no ano de 2018. Dentre os autores que Daniel lia durante o período de produção do livro, e que de alguma forma o influenciaram, ele cita os trabalhos de Paulo Henriques Britto, Niccanor Parra e Adília Lopes. Além deles, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Bertolt Brecht sempre inspiraram sua produção poética.

Ao escrever *Lição da matéria*, Arelli afirma que buscou dialogar com a tradição da poesia “antilírica, anti-subjetiva e anti-poética”, algo que sempre o interessou. “Tentei desviar um pouco o foco do ‘eu’, dos afetos e das neuroses e voltar os poemas para os objetos, espaços, e a natureza”, explica o filósofo e escritor mineiro.

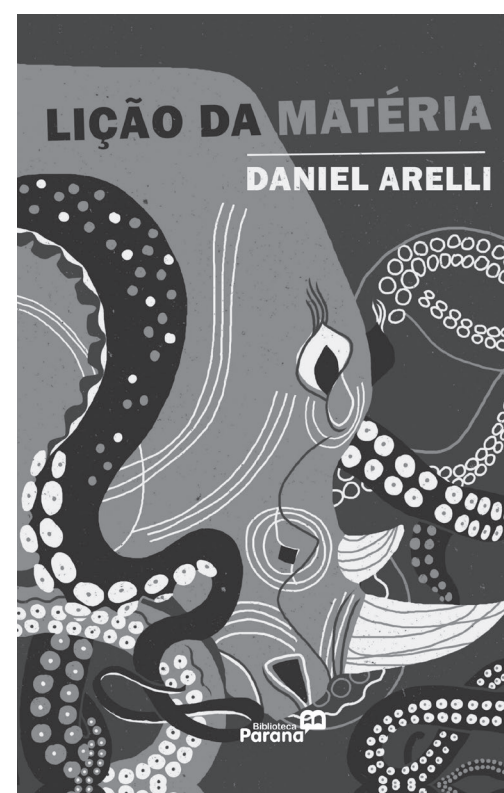
Para ele, a vitória no Prêmio Paraná foi uma grande surpresa, já que foi a primeira vez que ele se inscreveu em um concurso de poesia. “Com esta premiação me sinto mais seguro para trazer minhas produções a público.”



Doutor em Filosofia, Daniel Arelli venceu o Prêmio Paraná de Literatura na categoria Poesia com uma obra que dialoga com diversas correntes artísticas, das artes visuais à literatura.

DANIEL ARELLI

nasceu em Belo Horizonte, em 1986. É doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, com uma tese sobre o conceito de materialismo. Atualmente, é pesquisador de pós-doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais. *Lição da matéria* é seu primeiro livro de poemas.



A AMAZONIA DE VILLA-LOBOS

a fermata era um igarapé
em que nadávamos
nus
o coda a pegada
do iauaretê
as içás em staccato
marcavam também o nosso
passo
os uirás em todas as claves
em tempo largo
a mesma tapera na volta
um bequadro
sob teu rubato
a floresta
viva
da capo

UMA FRASE DE NOVALIS

O verdadeiro leitor deve ser o autor ampliado.
Novalis

antever em toda matéria
o inconclusivo da forma
e preencher toda lacuna
com sua exata carnadura

realizar com todo texto
uma paradoxal operação
para que toda leitura
seja também sua criação

O RINOCERONTE

A PARTIR DE THEODOR W. ADORNO

Quando enfim matarmos o último rinoceronte
dizem
não será apenas o rinoceronte a extinguir-se
não haverá tampouco uma certa espécie de moscas
que só se alimentam dos detritos do rinoceronte
e milhares de ecossistemas
que dependem daquele grande ecossistema
que é o rinoceronte
perderemos um elo vivo essencial
para a nossa compreensão dos dinossauros
não poderemos mais, como Marco Polo,
confundi-lo com um unicórnio
não teremos mais uma imagem tão precisa do medo
petrificado em armadura
etc.

Acho que estão todos certos
só não se esqueçam de dizer
que não haverá mais
a forma do rinoceronte
esta forma exata e insubstituível
que parece dizer:
eu sou um rinoceronte.



NARRATIVAS POSSÍVEIS

DANIEL TOZZI

“Foi meio que num jorro”, conta Raimundo Neto, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2018 na categoria Conto, sobre o processo de escrita de *Todo amor que inventamos para nós*. O escritor se refere ao curto período de tempo em que boa parte dos contos foram produzidos, entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018. “Após me permitir acessar experiências de vida muito particulares, algumas narrativas tornaram-se mais possíveis de serem escritas”, explica.

Nascido no pequeno município de Batalha, interior do Piauí, Raimundo vive na cidade de São Paulo desde 2014 e tem 36 anos. É formado em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí e *Todo amor que inventamos para nós* é seu primeiro livro publicado.

Boa parte das narrativas e personagens presentes nos contos apresentam gêneros e sexualidades que, na definição do autor, não se adequam a casas e famílias heteronormativas e, por isso, “sofrem, choram, são apagadas e também morrem”. Para ele, reflexões como essas são necessárias para o Brasil de hoje.

No período final de escrita da obra, Raimundo conta que a leitura de *O caminho do artista*, espécie de “autoajuda da criatividade”, da norte-americana Julia Cameron, contribuiu para que ele se libertasse de alguns “bloqueios” nos momentos de escrita. Além disso, o piauiense afirma que as releituras de alguns de seus autores prediletos, como Elvira Vigna, Beatriz Bracher e Julio Cortázar, e a descoberta do trabalho ficcional das escritoras Lydia Davis e Miranda July foram fundamentais tanto para o processo de amadurecimento da ideia do livro, quanto para o estágio inicial de sua produção.

MARIANA KAMAGUCHI/DIVULGAÇÃO



Raimundo Neto escreveu *Todo amor que inventamos para nós*, vencedor da categoria Contos do Prêmio Paraná de Literatura 2018, em apenas dois meses. O livro sofreu influência de autores como Julio Cortázar e Elvira Vigna.

RAIMUNDO NETO

é piauiense. Nasceu em 1982 e morou nas cidades de Batalha e Teresina até 2014. Atualmente vive em São Paulo, onde trabalha como psicólogo para o Tribunal de Justiça do Estado. É colaborador fixo da revista literária eletrônica *São Paulo Review*, para a qual escreve resenhas, contos, crônicas e ensaios.



OS TROPEÇOS FORAM OS MENORES GOLPES

Aos tropeços, ela não sabia estar além da mulher que a ensinaram. Eu dizia isso para mim e parecia maltratá-la mais um pouco. Haviam dito que se fosse mãe, maravilhas chegariam. Que o pai da criança tivesse sumido, que suas irmãs a berrassem escrota, que a cidade menosprezasse o cansaço do corpo sustentando a criança agitando sua juventude, não importava. Disseram que se fosse uma mãe suficiente e boa, haveria algum tipo de perdão, ou complacência, que se a criança crescesse e fosse menino, as chances de que seu futuro sofresse um solavanco milagroso seriam maiores.

Os tropeços foram os menores golpes. Depois do filho, as dores de parir uma fantasia machuram-na em cantos sombrios. Não havia, o bem da verdade é esse, sombra no amor que desconhecia no filho. Os dedinhos choramingavam acalento, ela tentava entender e dizia-se tranquilizar, soprando na criança um tanto de cho-

ro. Acalentar é quê, engasgava a mulher, debruçava-se sobre o magro do choro do filho, enfiava-lhe o peito na boca, pensava toma, é isso acalento. O grito da criança mastigava a noite, os ventos de fora roucos de rezarem pressas agoniadas, e a mulher em desespero, é preciso acalantar. Dentro da casa, as irmãs repetiam Eu sabia que essa puta não devia ter tido o nascimento do menino.

O menino cresceu. A mulher ensaiou: Mãe, respeita a tua mãe, e aprende que homem é quem salva uma mãe da maldade, e aprende que mulher se contorna é no cabresto, caminha feito homem, menino.

O menino esticou ossos e olhos para o mundo. Abraçava a mulher escorregando para baixo da saia apondo é diferente aqui. A mulher agarrava a noite da criança, dizia filho para dormir, e já sabia pesadelo para o resto da vida.

O menino apareceu morto, o corpo estirado carne viva, tudo quanto foi buraco. E diziam Mas também, num era homem, mulher, tu não sabia criar o menino.

E só na morte foi mãe: queria o filho de volta dentro. Se tu crescer em mim, filho, juro que te faço homem, e ninguém nunca vai te fazer sangrar assim e acabar assim, mulher como eu. ■

POEMAS

5 POETAS HU

TRADUÇÃO: DÁNIEL LEVENTE PÁL

TIMUR BÉK

NIHIL

Borra de café na xícara;
a emoção se assenta em mim.
À beira árida de minha ambição
seco a mão seca.

Não desejo e não quero
Este nada é só o meu.
Cobrem-me as pernas, braços
monte de cadáveres de mim mesmo.

Minha vida é uma posposição;
chega debaixo de mim, até que me escale,
correndo por meses,
lânguida guirlanda de cigarros.

Outrora soltei-me da pedra,
E hoje onde fica tanta água?
Sob as torturas estou secando;
leito ou rio fui eu?

TIMUR BÉK nasceu em 1997, em Komló, na Hungria. É professor de literatura húngara no ensino médio e escreve poemas desde 2012.

ÚNGAROS

DEZSŐ KATALIN

ANONYMUS

Desejava ser Deus no campo do homem esquecido,
eu vi lá o céu guerreiro pela primeira vez,
e lá pensava (naquela coisa),
que não seria mais fácil aquele caminho também não, se aprendêssemos
em vez de nós amarmos os outros.

Vivo, porque a vida me ajuda a trabalhar,
E o som é suavizado só pelos trabalhadores no mundo.

Um deus dos muitos anteriores dá a vacina de grandes dores aos miseráveis debaixo,
olham em seu rosto indiferente com desentendimento,
sob tanto sofrimento o universo deve gemer.

Ao fazer sexo, isso também não é nosso por completo
anúncios de preservativos e de lingerie se unem,
a noite de núpcias dá à luz à sociedade de consumo,
não nos fica mais energia para nos afligirmos/enfastiarmos,
porém as nossas rezas são certamente ouvidas,
se as dizemos em voz alta:
que a coalhada custe menos nesta semana
para fazermos dela uma vida mais barata.

DEZSŐ KATALIN nasceu em 1996, em Zalaegerszeg.
Atualmente estuda artes liberais na Faculdade de Letras da
Universidade de Pécs, no sudoeste da Hungria. Publicou
seus textos nas revistas *Hévíz* e *Holnap*.



DOROTTYA BÁNKÖVI

MULHERES JUNTO À CAMA

Só as mulheres ficaram ao lado do moribundo,
os seus rostos cobertos com pano escuro,
não choraram, não esqueceram.

No consultório sufocante as noites vibraram —
Uma noite para cada uma. Só houve algo em comum:
aqueles que por elas foram rodeados.

Seus olhares,
(como as suas coxas naquele dia)
abriram-se logo escureceram-se.
Viram o corpo separado do espírito,
viram unido o engano, a essência.

O homem deitava na cama,
as almofadas amontoadas atrás de sua nuca suada,
porém como pedra que foi rodada lá
o encosto duro tensionou o pescoço.

Não falou ele também,
talvez nem estivesse cismando,
a luz saindo dos seus olhos
foi a satisfação —
foi a gratidão mesma.
Logo já não ficou nada,
só o corpo, por piedade ou
obrigação envolvido.

Junto à cama só as mulheres ficaram,
seus rostos deixados livres do pano escuro
são a mancha da morte a sair.

Sabiam o que deviam fazer.
Que tantos anos foram perdidos,
não foi em vão.
Dobraram os lençóis sujos de sangue,
— como se logo no terceiro dia —,
e trocaram de olhares pela última vez.

DOROTTYA BÁNKÖVI nasceu em 1994, em Budapeste. Obteve o bacharelado em Letras Húngaras pela Universidade Eötvös Loránd (ELTE) em 2017. Atualmente trabalha como jornalista cultural e se dedica à literatura, escrevendo prosa e poesia.

DÁNIEL LEVENTE PÁL

TIRO/ARRANCO ESTE POEMA PARA SEU COLO

Tiro este poema para seu colo,
brinquemos que me ama ou não me ama,
de tal maneira, que nenhuma planta o entenda.

O telefone não tocava, nem a consciência,
o rio gemia,
caso desse à luz uma nova gaivota.

Me ama, não me ama, me ama,
você deixa sair os papéis no vento,
que eu não arranque mais este meu poema.

DÁNIEL LEVENTE PÁL nasceu em 1982. É poeta, escritor, editor e dramaturgo. Publicou quatro coletâneas de poemas e um livro de contos. Entre 2012 e 2016, foi o editor-chefe de uma das maiores editoras universitárias da Hungria, a ELTE University Press. Vive no oitavo distrito de Budapeste, a maior favela urbana da Hungria.

JÁNOS DÉNES ORBÁN

EPÍLOGO PARA O OUTRO TIGRE

En buscar por el tiempo de la tarde
El otro tigre, el que no está en el verso.
(Borges: El otro tigre)

O outro tigre, o que não está/falta nos versos
— o que também não está/falta na minha vida —
é triste, e deseja a vida.
Como eu (desejo) a minha morte e aquilo,
que lute com ela com as próprias mãos.
me encantaria (vê-lo) ao saltar na minha direção
no crepúsculo denso e sangrento-verde,
e de símbolo vai ser a realidade redentora.
Eu o abraço, ele me retalha o corpo,
eu o sufocaria, até que na terra ancestral
todo meu sangue e toda minha paixão se espalharem.
E enquanto estou andando em direção da luz do além,
entre as lianas cambaleia lentamente
o meu tigre que abracei uma vez,
e que nunca mais será raiado por versos de poemas. ■

JÁNOS DÉNES ORBÁN nasceu em 1973, em Brasso, na Transilvânia. É autor de 15 livros, de poesia e prosa. Em 2001, com a bolsa de estudo Herder tornou-se aluno do Nobel Imre Kertész em Viena. Suas obras foram traduzidas em dez línguas. Atualmente é diretor do instituto de desenvolvimento de talentos do estado húngaro em Budapeste.

CONTO | JULIA DANTAS

A FELICIDADE
É UM PAPEL
AMARELADO

As pessoas envelheciam mais felizes antes dessas maquininhas, diz o meu avô enquanto eu limpo as lentes da máquina fotográfica, sentado aos seus pés. O equipamento espalhado pelo tapete da sala, e ele afundando na poltrona devagar, como se travasse uma silenciosa queda de braço com o estofamento. É um dos seus dias bons, então me animo a perguntar o que ele quer dizer com isso.

“As pessoas não se viam envelhecer. Ficavam velhas e pronto. Não tinham fotos antigas pra se comparar. Agora a gente já não tem direito a esquecer as coisas.”

Eu tento rir baixinho para não acordar Lucas que finalmente dormiu no sofá, encastelado por almofadas e travesseiros. O vô fecha a cara, toda a pele se enrugando em torno do nariz. Suas sobrancelhas ainda são vastas e negras, esqueceram-se de embranquecer junto dos poucos cabelos. Muito sério, ele fala que não está brincando: “Eu não brinco com a memória”, repete, e eu só posso acreditar, porque quem oscila entre a lucidez da velhice e o ne-

voeiro da senilidade fala a sério quando fala da memória. Coloco as lentes no estojo para chegar mais perto dele.

“Não me olha assim, seu Elias. Então o senhor não gosta de ter as fotos da vó pra lembrar dela?”

Eu pensava na imagem que está há talvez vinte anos na cômoda do quarto. Minha avó no seu aniversário de sessenta anos, com um vestido estampado de flores imensas cujas pétalas vão se alastrando em manchas impressionistas. Ela parece estar no meio de uma gargalhada e tem uma taça de espumante na mão esquerda. Com a direita, faz um gesto em direção ao fotógrafo, como se pedisse que ele não registrasse a imagem agora, tão sem pose, ou pedindo que deixasse a câmera e a acompanhasse num passo de dança que começaria naquela mão aberta, a palma curvada em meio a um movimento misterioso. Depois que ela morreu, pedi férias pra me afastar da cidade e vim fazer companhia ao vô por algumas semanas. Dormi na sala quase todas as noites, mas quando ouvia o choro baixinho e entrecortado,

eu entrava no quarto sem dizer nada e me deitava ao lado dele. Foi dali, no lugar onde minha avó dormira por décadas, que um dia eu olhei para aquela fotografia e me vi no plano de fundo. Um pouco desfocado, vários metros atrás da aniversariante, apareço de pé em frente a uma torre de blocos de madeira, mas tenho o rosto virado para a câmera, com aquele olhar indiferente das crianças que ainda não sentem vergonha de serem fotografadas. Eu tinha seis anos de idade e um dedo enfiado fundo no nariz.

Não consigo lembrar se essa rejeição do vô às fotos é coisa antiga ou alguma novidade da velhice. É surpreendente que a velhice venha com tantas novidades. Olho para Lucas adormecido no sofá, cinco meses de vida e um cérebro onde tudo é novo. O vô ainda não me respondeu, faz tantos anos que tem um cérebro que talvez certas respostas estejam lá dentro um pouco empoeiradas. Não quero apressá-lo, tudo nessa casa sempre teve o tempo exato. Me aproximo o suficiente para deitar a cabeça em seus joelhos, e ele nem me afasta nem me afaga. As coisas são como são.

“Eu não preciso de foto pra lembrar dela. Eu não preciso nem fechar os olhos para lembrar dela. Nem sequer me concentrar. Aquela foto não é pra que eu veja a tua avó, mas pra que ela possa me ver”.

“Ela ficou tão bonita naquela foto. Parece alguém da nobreza, numa embaixada ou algo assim.”

O vô explode num riso faceiro, suas pernas sacodem tanto que eu preciso dar espaço para que se mexam. Ele me olha da forma mais cúmplice que já me olhou alguma vez. ➡

CONTO | JULIA DANTAS

“Ela tava bêbada. A tua avó tava bêbada como um gambá naquele dia. Pouco depois da foto, ela tropeçou no tapete e se estatelou numa poça de champanhe. Teu pai morreu de vergonha. Tu não lembra de nada?”

Não consigo encaixar essas novas peças no velho quebra-cabeça.

“A vó bebia?”

Ele abre os braços num gesto de incompreensão.

“E quem não bebe? Ela tava se sentindo velha, disse que precisava beber pra esquecer. E esqueceu mesmo. No dia seguinte, mal lembrava da festa. É uma pena, porque nos divertimos a valer depois que vocês foram embora. Teu pai dizendo que aquele não era um ambiente pra criança, eu nunca vou entender como a gente criou o teu pai. Mas é por isso que tu só aparece naquela foto. Ao todo não deve ter ficado nem meia hora aqui.”

“Espera. Vocês sempre souberam que eu aparecia no fundo?”

“Ora, é claro, tua avó morria de rir daquele dedo enfiado no nariz. Ela tava sempre brigando com teu pai pra te deixar em paz.”

Nada. Eu não lembro de nada. Minha avó bêbada, meu pai envergonhado, o aniversário, a torre de blocos de madeira, nada. Eu poderia muito bem não ter estado lá, não fosse pela prova da fotografia.

Onde estava a minha mãe?, eu pergunto, e ele não precisa de um segundo pra dizer:

“Do meu lado. Ela tinha acabado de me ensinar a

usar a câmera. Mas foi a única foto que eu tirei”.

Minha mãe não se metia naquele lado da família. Era meu pai que decidia as viagens para o interior, que fazia os telefonemas e que definia os natais e os feriados. Minha mãe fluía em torno daquele núcleo sem nunca entrar numa briga nem interferir nas decisões sobre médicos, cirurgias, internações. Mas posso imaginá-la com uma câmera pendurada no pescoço. É a uma origem das caixas de sapato recheadas de fotografias da minha infância.

No sofá, Lucas levanta um bracinho e eu sei que a isso vai seguir o choro. Tomo-o no colo e convido o vô para caminhar no pátio, na esperança de manter Lucas distraído até a hora de mamar. Ele se levanta e, antes de sair da sala, agarra a máquina fotográfica. Mais uma surpresa no dia.

“É só apertar esse botão?”

“Sim”, eu digo enquanto coloco no automático.

Saímos em meio ao calor da

tarde, o sol castigando as hortaliças que ele mantém meio desordenadas pelo terreno. Quem administrava a horta era a vó, guiando os pés de couve e os moranguinhos entre trilhas de tijolos, aramados que impediam o ataque de roedores e desníveis calculados para a época das chuvas. Nos últimos anos, as plantas foram se espalhando por vontade própria, aprendendo que a liberdade total com frequência leva a resultados um pouco disformes. Lucas se interessa por um canto apinhado de babosas, e eu fico por ali enquanto o vô mexe na câmera, apontando a lente ora para nós, ora para a casa, ora para o que parece ser lugar nenhum.

“A gente só devia guardar as fotografias que tiramos até os doze ou quinze anos, antes de virar adulto”, ele diz enquanto tenta fazer foco. “E depois tirar talvez uma por ano, destruindo a anterior, só para os parentes terem o que guardar depois que a gente se vai. Mas sem comparações com o passado. Sem envelhecimento. Só um ponto fixado no tempo. Um ponto em que a gente estava vivo e

definitivo. Antes de parar de envelhecer e ficar pra sempre morto”.

Faço Lucas sobrevoar as babosas como um mini super-herói.

Digo que “antigamente as famílias tiravam fotos dos seus mortos”.

“Antigamente os mortos eram mais da família”, ele responde.

Ele vai até o degrau da varanda e deixa que a gravidade lhe ajude a sentar. Me pergunto se ele vai conseguir se levantar sozinho depois. Está olhando para o visor, onde deve estar aparecendo a última fotografia que tirou. De repente seu rosto volta a se franzir inteiro, as sobrancelhas firmes tão fora de lugar naquele rosto de dúvida. Seus olhos encontram os meus.

“Tu vai revelar essas imagens depois, não é?”

“Bom, não se chama mais revelar, vô”, eu tento explicar, “mas posso imprimir algumas se tu quiser ter aqui”.

“Não é isso”, ele hesita. “É pra que elas... Não sei. Pra que elas ocupem um espaço.”

Ficamos ali sem muito mais

conversa. Eu sento ao lado do vô e, enquanto preparo a mamadeira do Lucas, vamos vendo o céu mudar de cor. O carro já está pronto para a nossa viagem de volta. A janta dele já está no forno para depois que sairmos. “Daqui a duas semanas a gente volta”, eu digo sem necessidade, porque tem sido assim desde que o Lucas completou dois meses. Procuro as primeiras estrelas da noite que chega e, sem que eu tenha percebido, o vô já se levantou e agora me estende uma das mãos. Eu aceito, e ele me leva para dentro de casa.

Nos despedimos na cozinha. Abraço o vô com força. “Até logo mais, seu Elias”, eu digo já com um pouco de saudade. Ele sorri em silêncio e me leva até o carro com tapinhas nas costas. É um dos seus dias bons. Talvez um dos nossos melhores. Dirijo pelas três horas seguintes com a imagem daquele sorriso, a imagem da minha avó aos sessenta anos e a imagem de mim mesmo sem interesse por blocos de madeira.

É tarde quando chegamos em casa. Demoro a fazer Lucas dormir.

Faço carinho em seus cabelos com uma mão, enquanto a outra segura a câmera e vai passando as fotos que o vô tirou no pátio. Uma imagem desfocada das minhas pernas. Lucas no meu colo. O pé de laranjeira. A cabeça de Lucas perto das babosas. Os pés do vô sobre a grama. Lucas com a cabeça encostada no meu peito. Os olhos de Lucas — a indiferença das crianças — fixos no fotógrafo. E então a última imagem do dia. Quando ele pode ter tirado essa? De frente pra câmera, o rosto muito perto da lente, a cabeça preenchendo quase todo o quadro, com um sorriso imenso e debochado, o vô tirou uma foto de si mesmo.

Sei o que ele quer. Imprimo a imagem e a deixo na estante da sala, para que ele exista na sua casa ensolarada e também exista no meu apartamento de cidade. Aqui, ele lança um olhar do passado sobre o bisneto que cresce. Lá, ele lança um olhar vivo sobre a esposa embriagada de riso que, para sempre, caminha na sua direção. Depois, cumprindo uma promessa que não fiz, apago todas as fotografias anteriores que tinha guardado dele. Talvez haja uma próxima visita para substituir essa. Talvez ela seja sua última. Mas, por ora, ele não envelhece.■

JULIA DANTAS é escritora, editora e doutoranda em Escrita Criativa na PUCRS. É autora de *Ruína y leveza*, (2015), romance que foi finalista dos prêmios São Paulo de Literatura, Livro do Ano da AGEs e Açorianos de Criação Literária. Atualmente, mantém uma coluna quinzenal no jornal *Zero Hora* e finaliza seu segundo romance.

POESIA | LUÍS PIMENTEL

ROTINA

*Do quarto, os meninos escutam o barulho
da xícara se espatifando contra
o cimento.*

*E a voz da mãe, aos gritos
e xingamentos.*

*Os meninos se olham, tristes, mas
acostumados.*

Mais um impropério. Outro barulho.

Talvez agora um pires

*– há um fundo de sombras no desenho
da paisagem.*

*O mais velho começa a arrumar o material
da escola.*

*O menor levanta-se e vai cuidar
do passarinho.*

LUÍS PIMENTEL é jornalista e escritor. Trabalhou em diversas redações e tem livros publicados em vários gêneros (contos, poesia, infantojuvenil, textos de humor, música e teatro). Recebeu prêmios nacionais como o Concurso Literatura Para Todos, do MEC, Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura, Jorge de Lima, da União Brasileira de Escritores, e o Prêmio Nacional de Dramaturgia Cidade de Belo Horizonte. Pimentel nasceu em Feira de Santana (BA) e vive no Rio de Janeiro (RJ).

